

ISSN 18078834

BNB

Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo
Escritório Técnico de Estudos
Econômicos do Nordeste

59

abr/jun - 2019

OBRA PUBLICADA PELO**PRESIDENTE**

Romildo Carneiro Rolim

DIRETORES

Antônio Jorge Pontes Guimarães
Antônio Rosendo Neto Junior
Cláudio Luiz Freire Lima
José Max Araújo Bezerra
Nicola Moreira Miccione
Perpetuo Socorro Cajazeiras

**ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE**

Luiz Alberto Esteves
Economista Chefe
Tibério Rômulo Romão Bernardo
Gerente de Ambiente
Aírton Saboya Valente Junior
Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas
Macroeconômicos

CORPO EDITORIAL

Editor-Científico
Luiz Alberto Esteves
Editor-Chefe
Tibério Rômulo Romão Bernardo
Editor-Executivo
Aírton Saboya Valente Júnior

EQUIPE TÉCNICA

Produção Agropecuária
Wendell Márcio Araújo Carneiro
Produção Industrial
Liliane Cordeiro Barroso
Serviços e Comércio Varejista
Universidade de Fortaleza - UNIFOR
Mercado de Trabalho
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Comércio Exterior

Laura Lúcia Ramos Freire

Finanças Públicas, Índice de Preços e Cesta Básica

Antônio Ricardo de Norões Vidal

Nível de Atividade Econômica

Intermediação Financeira

*Aírton Saboya Valente Junior***COLABORAÇÃO**

Estagiário
João Marcos Rodrigues da Silva
Jovem Aprendiz
Sarah Lucena Barros
Yago Carvalho Lima
Tabulação de Dados
Bruno Gabai
José Wandemberg Rodrigues Almeida
Revisão
Hermano José Pinho
Diagramação
Gustavo Bezerra Carvalho

PARTICIPAÇÃO

Nicolino Trompieri Neto
Ricardo Eleutério Rocha
Economistas, Professores da Universidade de Fortaleza - UNIFOR
Pesquisadores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE.
Augusto Germano Arruda Moura
Bruno Edson Sousa Silva
Hauary Pérez Gómez
Ítalo Pereira da Rocha
Renan Antoniacomi Magalhaes
Graduandos em Economia, Universidade de Fortaleza - UNIFOR
Estagiários do Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE.

Banco do Nordeste do Brasil S/A**Escritório Técnico de Estudos
Econômicos do Nordeste - ETENE**

Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 - Térreo
Passaré - 60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3251-7177
Cliente Consulta: 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.

É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme lei nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

BNB Conjuntura Econômica - Edição 59
(Abril - Junho 2019).
Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2019

ISSN 18078834

Economia – Brasil – Nordeste – Periódico. I. Banco do Nordeste do Brasil.

CDU 33(812/814) (11)

SUMÁRIO

1 Nível de Atividade Econômica.....	04
2 Produção Agropecuária	07
3 Produção Industrial.....	10
4 Serviços.....	14
5 Comércio Varejista	16
6 Mercado de Trabalho.....	18
7 Comércio Exterior.....	21
8 Finanças Públicas.....	29
9 Intermediação Financeira.....	33
10 Índices de Preços.....	35
11 Cesta Básica.....	38

1 Nível de Atividade Econômica

Brasil

O Produto Interno Bruto (PIB) acumulado nos quatro trimestres terminados em junho de 2019 cresceu 1,0% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores. Referido desempenho resultou do avanço de 1,0% do Valor Adicionado a preços básicos e de 0,9% nos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. As informações são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Sob a ótica da produção, verificaram-se desempenhos favoráveis nos Serviços (+1,2%) e na Agropecuária (+1,1%), enquanto que ocorreu queda na Indústria (-0,1%), conforme especificado na Tabela 1.

Dentre as atividades industriais, ocorreram crescimento em Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (+3,1%) e Indústrias da Transformação (+0,1%). Por outro lado, as Indústrias Extrativas (-1,9%) e a Construção (-0,9%) recuaram.

Quanto aos Serviços, cabe mencionar as Atividades imobiliárias (+3,1%) e Informação e Comunicação (+2,6%). Também cresceram Transporte, armazenagem e correio (+1,3%), Comércio (+1,3%), Outras atividades de serviços (+1,2%), Administração, defesa, saúde e educação públicas e segurança social (+0,1%) e Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (+0,1%).

Sob a ótica da despesa, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) incrementou 4,3% e a Despesa de Consumo das Famílias expandiu 1,5%. Em contraste, a Despesa de Consumo do Governo caiu 0,2%. Quanto ao setor externo, as Exportações de Bens e Serviços cresceram +4,3% e as Importações de Bens e Serviços saltaram 5,4% (Tabela 1).

Tratou-se do sétimo trimestre em que ocorreu acréscimo da Despesa de Consumo das Famílias e o quinto de crescimento na Formação Bruta de Capital Fixo, enquanto as Despesas de Consumo do Governo permaneceram em declínio pelo segundo trimestre consecutivo.

Tabela 1 - Taxa de crescimento (%) do PIB, componentes da produção e componentes da demanda

Últimos quatro trimestres / quatro trimestres imediatamente anteriores (%)		2018.II	2018.III	2018.IV	2019.I	2019.II
PIB a preços de mercado		1,4	1,4	1,1	0,9	1,0
Ótica da produção	Valor Adicionado Bruto da agropecuária	1,8	0,4	0,1	1,1	1,1
	Valor Adicionado Bruto da indústria	1,0	1,3	0,6	0,0	-0,1
	Valor Adicionado Bruto dos serviços	1,5	1,5	1,3	1,2	1,2
Ótica da demanda	Despesa de Consumo das Famílias	2,6	2,3	1,9	1,5	1,5
	Despesa de Consumo do Governo	-0,1	0,2	0,0	-0,1	-0,2
	Formação Bruta de Capital Fixo	2,0	4,3	4,1	3,7	4,3
	Exportação de Bens e Serviços	4,6	3,3	4,1	3,0	4,3
	Importação de Bens e Serviços (-)	7,0	9,1	8,5	5,8	5,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

O Produto Interno Bruto, no segundo trimestre de 2019, totalizou R\$ 1.780,3 bilhões, sendo R\$ 1.523,4 bilhões referentes ao Valor Adicionado a preços básicos e R\$ 56,9 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios.

Considerando o Valor Adicionado das atividades no trimestre, a Agropecuária registrou R\$ 86,9 bilhões, a Indústria R\$ 324,4 bilhões e os Serviços R\$ 1.112,0 bilhões. Entre os componentes da despesa, a Despesa de Consumo das Famílias totalizou R\$ 1.133,2 bilhões, a Despesa de Consumo do Governo R\$ 349,5 bilhões e a Formação Bruta de Capital Fixo R\$ 282,7 bilhões. A Balança de Bens e Serviços ficou superavitária em R\$ 15,7 bilhões e a Variação de Estoque foi negativa em R\$ 0,8 bilhão.

No resultado do segundo trimestre de 2019, a Renda Nacional Bruta atingiu R\$ 1.750,1 bilhões contra 1.665,8 bilhões em igual período do ano anterior. Nessa mesma base de comparação, a Poupança Bruta atingiu R\$ 270,7 bilhões contra R\$ 266,9 bilhões no mesmo período de 2018.

Nordeste

Especificamente em relação ao Nordeste, a estimativa de crescimento do PIB para o corrente ano é de +0,7%, em comparação com +1,0% no ano passado. O Centro-Oeste (+0,9%) também tende a apresentar desempenho inferior em comparação com a média nacional. Norte (+1,6%) e Sul (+1,2%) deverão registrar incremento do PIB acima da média nacional em 2019, enquanto que o Sudeste tende a crescer no mesmo patamar do País (+1,0%). As projeções são do ETENE/LCA Consultoria, conforme detalhado na Tabela 2.

O Nordeste, com 8,1% da participação da produção de grãos no País, deverá obter incremento de 0,5% na safra de grãos em 2019. Cabe mencionar, ainda, a expansão da produção regional de mamona (+48,1%), feijão (+32,7%), milho (+20,5%) e algodão (+20,0%). Além disso, as produções de fumo (+72,6%), banana (+11,6%), tomate (+4,9%) e cana-de-açúcar (+1,9%) deverão crescer, conforme o IBGE.

Por outro lado, o desempenho da indústria segue negativo na Região, considerando que a produção industrial caiu 2,6% nos seis primeiros meses de 2019, com queda de 5,7% na indústria extrativa e declínio de 2,4% na indústria de transformação. Vale ressaltar que apenas dois dos cinco Estados pesquisados pelo IBGE pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste apresentaram incremento na produção industrial nos cinco primeiros meses de 2019: Ceará (+3,1%) e Pernambuco (+0,1%). Em contraste, Minas Gerais (-5,6%), Bahia (-1,4%) e Espírito Santo (-12,0%) registraram quedas, tendo em vista fortes recuos na indústria extrativa, de acordo com a Tabela 3.

Quanto ao comércio, três Estados apresentaram incremento de vendas no varejo restrito: Espírito Santo (+6,7%), Bahia (+0,8%) e Maranhão (+0,4%). No ampliado, cabe mencionar: Espírito Santo (+6,6%), Ceará (+2,9%); Pernambuco (+0,8%); e Maranhão (+0,4%), conforme detalhado na Tabela 4.

Em relação aos serviços, destaque para o desempenho no Maranhão (+3,2%), Pernambuco (+1,5%) e Sergipe (+1,4%) e Minas Gerais (+0,6%) nos seis primeiros meses desse ano (Tabela 4).

Tabela 2 - Variação (%) do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil e Regiões

Região/País	Média 2003 - 2014	2015	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	2019 ⁽²⁾
Norte	5,0	-2,6	-4,6	1,9	3,2	1,6
Nordeste	3,9	-3,4	-4,6	1,3	1,0	0,7
Sudeste	3,2	-3,8	-3,3	0,4	0,9	1,0
Sul	3,0	-4,1	-2,4	2,5	2,0	1,2
Centro-Oeste	4,6	-2,1	-2,6	1,5	-0,5	0,9
Brasil	3,5	-3,5	-3,3	1,1	1,1	1,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da LCA Consultoria. Notas: (1) Estimativas. (2) Projeções.

Tabela 3 - Variação (%) da produção física industrial - Acumulado no primeiro semestre de 2019

Região/Estado/País	Variação Acumulada em 2019 - Janeiro a Junho		
	Indústria Geral	Indústria Extrativa	Indústria de Transformação
Nordeste	-2,6	-5,7	-2,4
Ceará	3,1	n.d.	3,1
Pernambuco	0,1	n.d.	0,1
Bahia	-1,4	2,3	-1,6
Minas Gerais	-5,6	-29,1	2,2
Espírito Santo	-12	-17,9	-6,0
Brasil	-1,6	-13,7	0,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do varejo e dos serviços - Acumulado no primeiro semestre de 2019

Estados Selecionados/País	Variação Acumulada em 2019 - Janeiro a Junho		
	Varejo		Serviços
	Restrito ⁽¹⁾	Ampliado ⁽²⁾	
Maranhão	0,4	0,4	3,2
Piauí	-8,7	-3,2	-6,0
Ceará	-1,1	2,9	-2,3
Rio Grande do Norte	-1,3	-0,2	0,0
Paraíba	-6,5	-4,7	-2,0
Pernambuco	-1,0	0,8	1,5
Alagoas	-3,5	-1,1	-4,6
Sergipe	-1,8	-0,6	1,4
Bahia	0,8	-1,1	-0,4
Minas Gerais	-2,0	-0,3	0,6
Espírito Santo	6,7	6,6	-1,7
Brasil	0,6	3,2	0,6

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

2 Produção Agropecuária

A safra nacional de grãos deverá totalizar 236,0 milhões de toneladas em 2019. Desse modo, a produção de grãos ultrapassará em 4,2% a obtida em 2018, que totalizou 226,5 milhões de toneladas, representando assim, incremento de 9,5 milhões de toneladas (Tabela 1). Quanto à área a ser colhida de grãos, estima-se em 62,8 milhões de hectares, aumento de 1,8 milhão de hectares, ou seja, 3,0% maior em relação ao total obtido em 2018. Cabe destacar que a área colhida de grãos, nessa estimativa, representa 80,9% da área colhida total.

A previsão é que haja aumento na produção nacional em dez das quatorze culturas que são contabilizadas pelo IBGE como grãos, leguminosas e oleaginosas (Tabela 2). Das maiores lavouras nacionais de grãos, o algodão (+31,5%) e o milho (+17,1%) deverão crescer, porém estima-se que ocorra declínio na produção de arroz (-11,2%) e soja (-4,5%). Em conjunto, a participação destes quatro produtos representam 95,2% da produção e 89,8% da área colhida de grãos.

O IBGE, que fornece os dados da produção agrícola, considera outras atividades além dos grãos. Parte desses produtos deverá obter incremento para a safra nacional, a exemplo da mandioca (+4,2%), banana (+3,0%) e batata (+1,0%). Contudo, as produções de castanha-de-caju (-14,7%), café (-12,2%), uva (10,8%) e tomate (-5,3%) declinarão, conforme especificado na Tabela 2.

Em termos regionais, embora a Região Norte represente apenas 4,0% da safra nacional, deverá apresentar o maior crescimento, de 6,4% em relação ao ano anterior. O Centro-Oeste, que é a principal Região produtora de grãos no País, detentora de 45,3% da participação nacional, deverá incrementar em 5,7% sua produção. Concomitantemente, o Sul, que concentra 33,2% da produção nacional, deverá registrar o terceiro maior crescimento (+5,2%). Na mesma base de análise, a produção de grãos no Sudeste, que representa 9,4% da produção nacional, deverá reduzir em 3,4%.

O Nordeste, com 8,1% da participação da produção de grãos no País, deverá obter incremento de 0,5%. Cabe mencionar que no Nordeste deverá ocorrer expansão da produção de mamona (+48,1%), feijão (+32,7%), milho (+20,5%) e algodão (+20,0%). Além disso, as produções de fumo (+72,6%), banana (+11,6%), tomate (+4,9%) e cana-de-açúcar (+1,9%) deverão crescer. Em relação à participação do Nordeste na produção nacional de algumas culturas, destacam-se castanha-de-caju (99,1%), mamona (96,8%), cacau (47,6%), banana (34,9%), uva (35,1%), algodão (25,3%), mandioca (22,6%) e soja (9,0%).

As chuvas favoreceram o plantio de grãos em sete das nove Unidades da Federação do Nordeste. Em Sergipe (+310,9%), Alagoas (+109,0%), Paraíba (+58,8%), Rio Grande do Norte (+18,3%), Maranhão (+11,1%), Piauí (+6,3%) e Ceará (+4,2%), estima-se que tenha aumento da produção de grãos, quando comparado com a safra de 2018.

Bahia, principal produtor de grãos no Nordeste, cuja participação na produção da Região corresponde a 41,3%, deverá apresentar declínio de 14,8% na produção de grãos, a exemplo da soja (-20,9%), cuja participação da produção desse plantio corresponde a 48,6% do total do Nordeste; e milho (-19,2%), que detém 23,9% da produção regional. Por outro lado, o cultivo de feijão (+93,2%) deverá crescer em comparação à produção de 2018, assim como a cultura do algodão (+17,1%), que responde por 89,1% em relação ao total produzido na Região, deverá permanecer em alta. Outro Estado que apresentará declínio é Pernambuco (-10,6%).

Maranhão, segunda maior participação na Região (25,6%), será favorecido pelo incremento da produção de milho (+32,1%), algodão (+25,2%), e soja (+3,4%). Cabe destacar a participação de alguns produtos desse Estado em relação ao total do Nordeste: arroz (49,3%), soja (28,0%) e milho (26,8%). Piauí, terceiro maior produtor do Nordeste, detém 23,4% da produção de grãos regional. A produção de algodão deverá aumentar (+142,4%), além de milho (+25,6%) e cana-de-açúcar (+18,4%). O Piauí tem maior representatividade na cultura do milho 28,2%, arroz 24,5% e feijão 12,5%, em relação à produção do Nordeste.

Ceará deverá aumentar a produção de algodão (+121,9%), milho (+6,5%) e feijão (+5,9%). Cabe destacar que a produção de grãos em Sergipe, que sofreu com a estiagem em 2018, deverá crescer 310,9% em 2019. Destaque para a expansão da colheita de feijão (+339,6%), milho (+350,0%) e arroz (+54,1%).

Paraíba (0,7%), Pernambuco (0,5%), Alagoas (0,6%) e Rio Grande do Norte (0,3%) representam, em conjunto, 2,1% da produção de grãos do Nordeste. Tais Estados têm pouca representação na produção de cereais, leguminosas e oleaginosas. Em contrapartida, a colheita de importantes culturas deverá obter incremento, a exemplo da produção de banana (+3,3%) na Paraíba; banana (+12,1%) e cana-de-açúcar (+1,0%) em Pernambuco; milho (+289,3%), fumo (+195,0%) e cana-de-açúcar (+0,4%) em Alagoas; tomate (+57,9%) e banana (+0,6%) no Rio Grande do Norte.

Tabela 1 - Safra de grãos no Brasil, Nordeste e estados selecionados em 2018 e 2019 - Em toneladas

Região / Estado	Safra 2018	Part. (%) ⁽¹⁾	Safra 2019	Part. (%) ⁽¹⁾	Var. (%)
Nordeste	19.112.336	8,4%	19.208.254	8,1%	0,5
Bahia	9.323.119	48,8%	7.942.240	41,3%	-14,8
Maranhão	4.431.778	23,2%	4.924.187	25,6%	11,1
Piauí	4.232.124	22,1%	4.497.789	23,4%	6,3
Ceará	632.702	3,3%	659.405	3,4%	4,2
Sergipe	187.750	1,0%	771.507	4,0%	310,9
Pernambuco	111.230	0,6%	99.410	0,5%	-10,6
Paraíba	89.975	0,5%	142.860	0,7%	58,8
Alagoas	53.154	0,3%	111.103	0,6%	109,0
Rio Grande do Norte	50.504	0,3%	59.754	0,3%	18,3
Centro-Oeste	101.014.565	44,6%	106.779.992	45,3%	5,7
Sul	74.511.490	32,9%	78.359.175	33,2%	5,2
Sudeste	22.877.050	10,1%	22.108.460	9,4%	-3,4
Norte	8.937.740	3,9%	9.506.478	4,0%	6,4
Brasil	226.453.182	100,0%	235.962.359	100,0%	4,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota (1): Participação das regiões em relação ao País e participação dos Estados do Nordeste em relação a esta Região.

Tabela 2 - Principais produtos da safra agrícola no Brasil e Nordeste em 2018 e 2019 - Em toneladas

Produto	Brasil		Var. (%)	Nordeste		Var. (%)
	Safra 2018	Safra 2019		Safra 2018	Safra 2019	
Cereais e oleaginosas ⁽¹⁾	226.453.182	235.962.359	4,2	19.112.336	19.208.254	0,5
Algodão herbáceo	4.930.518	6.482.594	31,5	1.367.640	1.641.302	20,0
Amendoim	557.878	587.908	5,4	11.543	11.423	-1,0
Arroz	11.736.353	10.426.042	-11,2	393.604	319.801	-18,8
Aveia	890.235	939.369	5,5	-	-	-
Centeio	8.184	10.268	25,5	-	-	-
Cevada	325.081	407.244	25,3	-	-	-
Feijão	2.973.932	3.025.795	1,7	560.118	743.165	32,7
Girassol	137.969	124.756	-9,6	-	-	-
Mamona	19.314	27.069	40,2	17.686	26.190	48,1
Milho	81.364.535	95.300.499	17,1	5.637.111	6.791.277	20,5
Soja	117.833.492	112.546.649	-4,5	11.470.906	10.165.939	-11,4
Sorgo	2.251.862	2.503.383	11,2	157.108	119.265	-24,1
Trigo	5.305.067	6.072.206	14,5	30.000	30.000	0,0
Triticale	41.664	36.789	-11,7	-	-	-
Banana	6.710.436	6.911.218	3,0	2.161.655	2.412.957	11,6
Batata	3.847.037	3.887.243	1,0	203.150	200.167	-1,5
Cacau	255.184	251.278	-1,5	122.568	119.718	-2,3
Café	3.593.165	3.154.008	-12,2	250.634	184.616	-26,3
Cana-de-açúcar	674.178.718	665.043.223	-1,4	49.153.863	50.067.912	1,9
Castanha-de-caju	141.388	120.555	-14,7	139.342	119.530	-14,2
Fumo	794.476	758.338	-4,5	13.862	23.930	72,6
Laranja	16.677.091	16.476.304	-1,2	1.368.693	1.333.696	-2,6
Mandioca	19.392.827	20.204.129	4,2	5.073.361	4.560.762	-10,1
Tomate	4.084.910	3.866.783	-5,3	473.321	496.294	4,9
Uva	1.592.242	1.419.545	-10,8	501.833	498.554	-0,7

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Estão incluídos algodão herbáceo, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, mamona, milho, soja, girassol, sorgo, trigo e triticale.

3 Produção Industrial

O nível de atividade industrial, no Nordeste, apresentou taxa negativa em junho de 2019 (-1,2%), frente ao mês imediatamente anterior, em intensidade superior à nacional (-0,6%). Nas demais bases de comparação para junho de 2019, a indústria regional também assinalou resultados negativos, assim como a média do País. Em relação a junho de 2018: -8,6% (Nordeste) e -5,9% (Brasil); no que se refere ao primeiro semestre do ano: -2,6% (Nordeste) e -1,6% (Brasil); no acumulado de 12 meses: -0,9% (Nordeste) e -0,8% (Brasil). Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

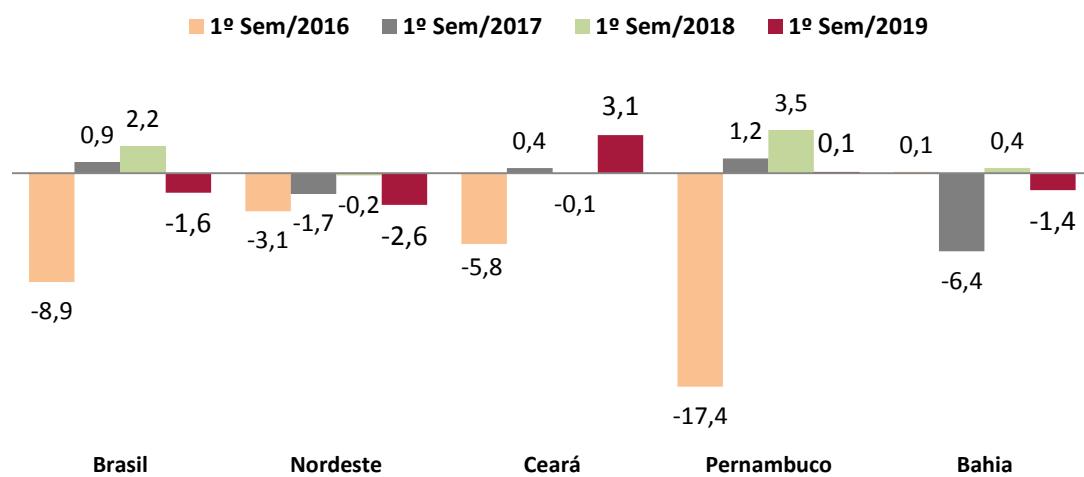
A evolução da indústria entre os primeiros semestres dos anos de 2016 a 2019, pode ser observada no Gráfico 1. Este mostra que o ano de 2016 foi o pior para o setor, em quase todos os locais selecionados (com exceção da Bahia), no período em análise. Em geral, todos ensaiaram melhorias no nível de atividade industrial, em 2017 e/ou 2018, mas retornaram a taxas negativas ou perderam ritmo, em 2019. Exceção a este comportamento ocorreu no Ceará, que apresentou significativa recuperação (+3,1%), se comparado a seus resultados semestrais anteriores aos dos demais locais selecionados, para o 1º semestre de 2019. Na média nordestina, a taxa de crescimento da produção industrial referente aos primeiros semestres do ano, se mostra negativa há 5 anos, desde 2015 (-3,0%), e intensificou o recuo em 2019 (-2,6%), frente a 2018 (-0,2%).

Portanto, dentre os Estados da Região divulgados pela pesquisa (Gráfico 1), apenas o Ceará registrou crescimento no acumulado de janeiro a junho de 2019 (+3,1%), revertendo a retração do mesmo período de 2018 (-0,1%). Este resultado, 4º melhor do País, pode ser atribuído, em parte, à produção do parque siderúrgico, que vem impulsionando a economia local, bem como às exportações, aliada à produção e exportação de equipamentos elétricos, destinados à indústria eólica. Na verdade, em quase todas as bases de comparação, referentes a junho, o Estado assinalou resultados positivos: frente a junho de 2018 (+0,7%), no índice acumulado de 12 meses (+1,9%), exceto em relação ao mês imediatamente anterior (-0,9%).

Pernambuco, após duas taxas positivas consecutivas em primeiros semestres, 2017 e 2018 (Gráfico 1), reduziu o ritmo, ficando estável em 2019 (+0,1%). Nos índices mais diretamente relacionados a junho, foram observados recuos: frente a maio de 2019 (-3,9%); ante junho de 2018 (-7,0%). Contudo, sob a ótica da taxa anualizada, mostrou o melhor desempenho (+2,6%), dentre os Estados da Região, embora com perda de dinamismo, quando comparado a maio do mesmo ano (+3,9%).

A indústria Baiana também voltou a taxas negativas no acumulado do ano até junho, em 2019 (-1,4%) e teve o pior resultado, dentre os Estados selecionados (Gráfico 1). Em geral, apresentou retração em todos os índices relativos a junho: frente a maio de 2019 (-3,4%), ante junho de 2018 (-8,5%) e na taxa anualizada (-0,1%), refletindo forte perda quanto ao índice de maio (+1,4%). Na ótica anualizada, foi o único a apresentar taxa negativa, dentre os Estados da Região.

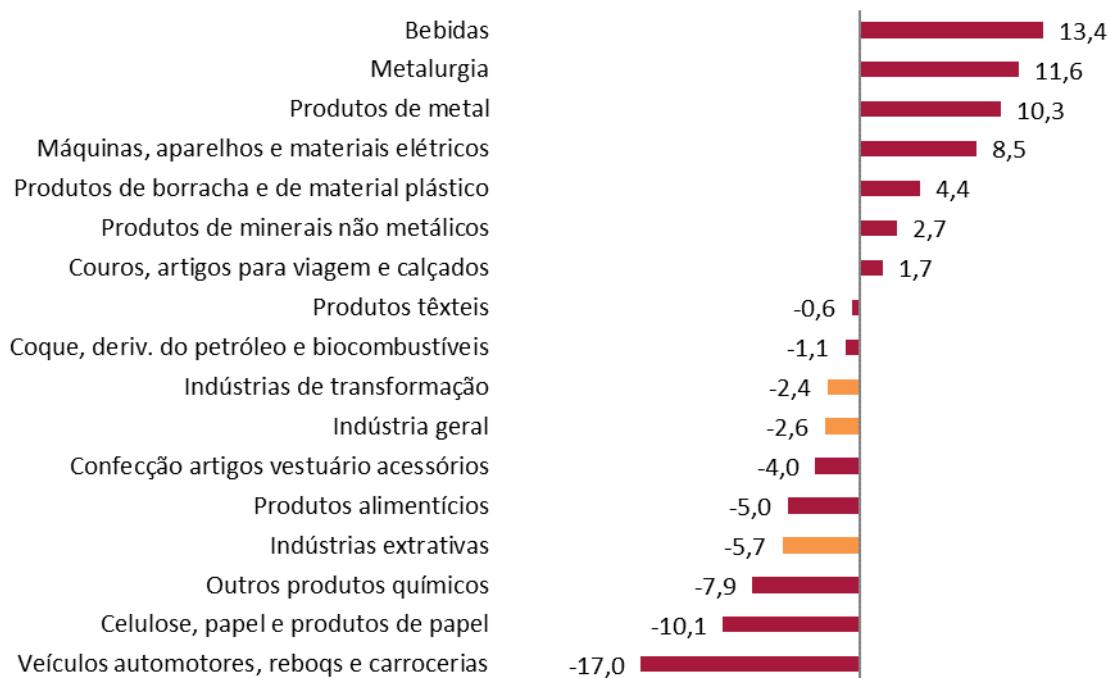
Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Brasil, Nordeste e Estados selecionados – 1ºs semestres de 2016 a 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

No Nordeste, o índice acumulado no ano de 2019 (-2,6%) refletiu o recuo na indústria extrativa (-5,7%) e de transformação (-2,4%). Dentre as 14 atividades pesquisadas na indústria de transformação, 7 assinalaram crescimento (Gráfico 2), em especial: bebidas (+13,4%); metalurgia (+11,6%); produtos de metal (+10,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+8,5%), e borracha e plástico (+4,4%). Negativamente, tiveram maior variação: veículos, reboques e carrocerias (-16,1%); celulose e papel (-10,1%); outros produtos químicos (-7,9%); alimentos (-5,3%); confecções, vestuários e acessórios (-3,3%).

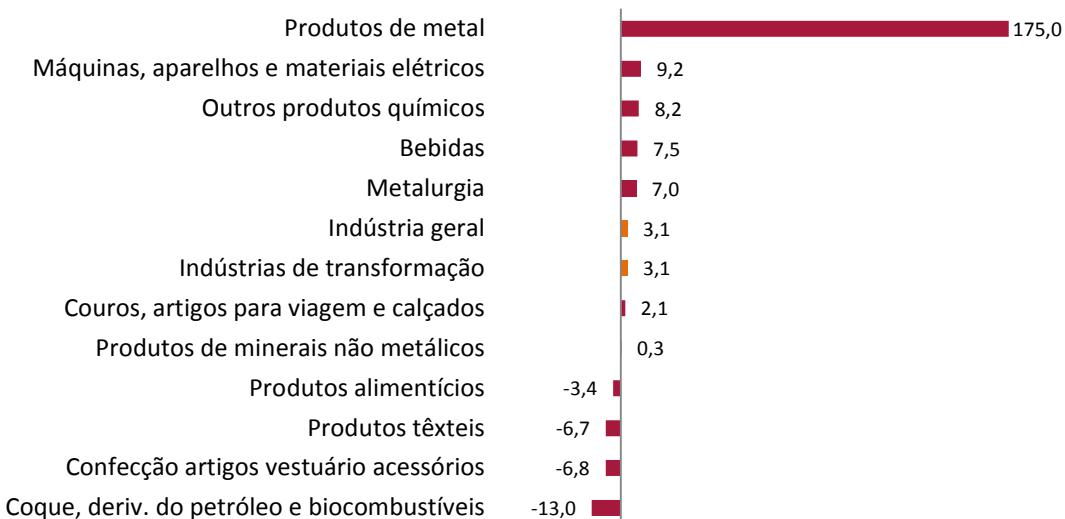
Gráfico 2 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Nordeste - 1º semestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

No Ceará (+3,1%), 7 das 11 atividades pesquisadas cresceram (Gráfico 3): produtos de metal (+175,0%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+9,2%); outros produtos químicos (+8,2%), bebidas (+7,5%), e metalurgia (+7,0%). Recuaram, dentre outros, coque e derivados do petróleo (-13,0%); confecções, vestuários e acessórios (-6,8%); têxteis (-6,7%); e alimentos (-3,4%).

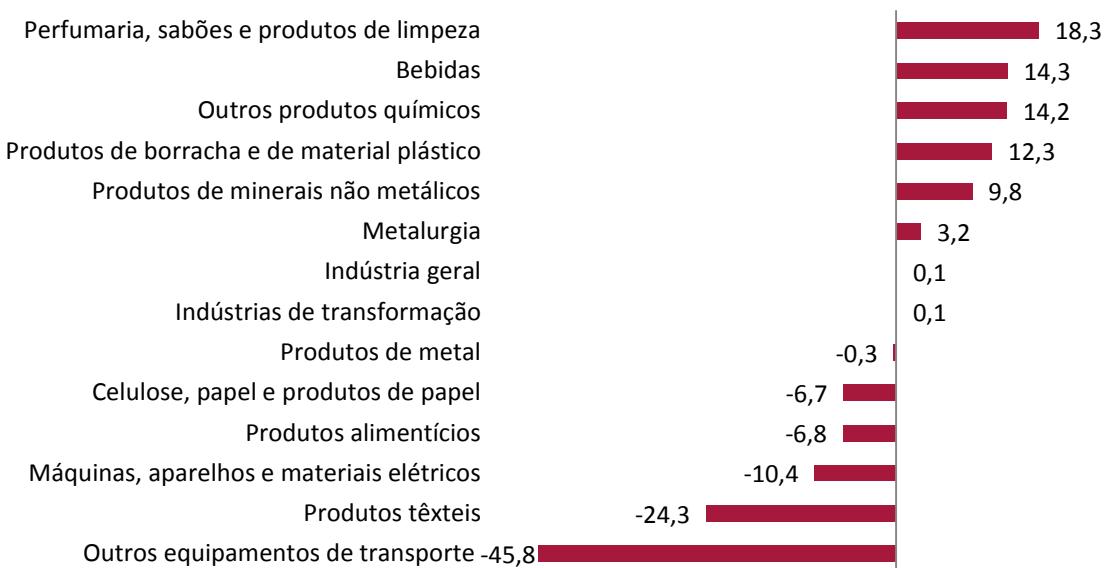
Gráfico 3 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Ceará - 1º semestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Em Pernambuco (+0,1%), 6 das 12 atividades avançaram: perfumaria e produtos de limpeza (+18,3%); bebidas (+14,3%); outros produtos químicos (+14,2%); borracha e material plástico (+12,3%), e produtos de minerais não metálicos (+9,8%). Reduziram-se, principalmente: outros equipamentos de transporte (-45,8%); têxteis (-24,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-10,4%); alimentos (-6,8%), e celulose e papel (-6,7%).

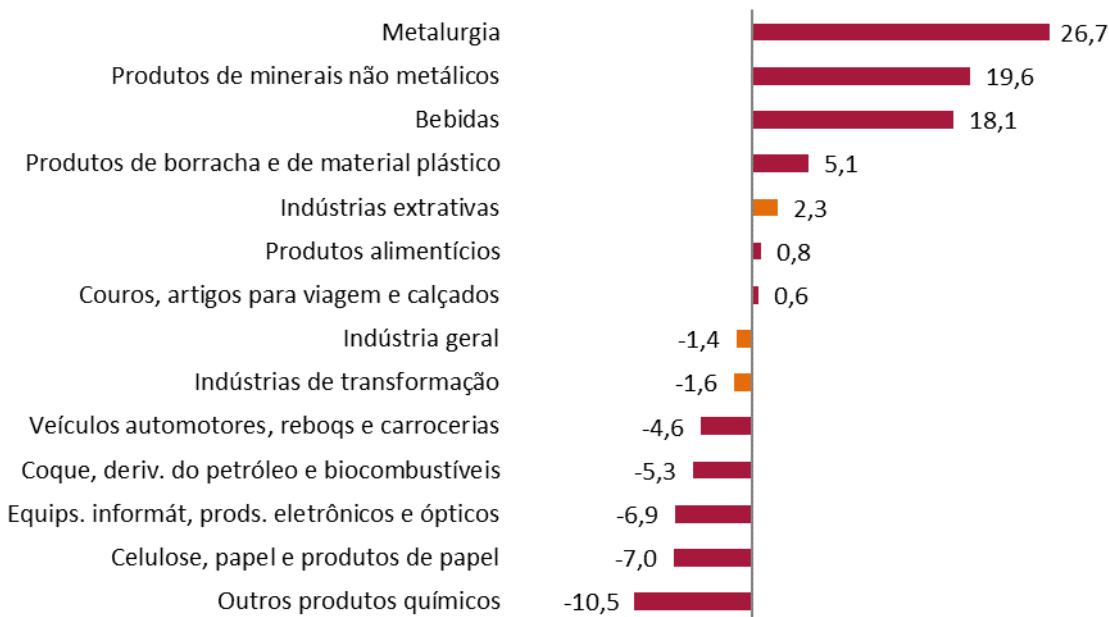
Gráfico 4 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Pernambuco - 1º semestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Na Bahia (-1,4%), avançaram 6 das 12 atividades: metalurgia (+26,7%); produtos de minerais não metálicos (+19,6%); bebidas (+18,1%), e borracha e material plástico (+5,1%). Dentro os recuos estão: outros produtos químicos (-10,5%); celulose e papel (-7,0%); equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (-6,9%); coque e derivados do petróleo (-5,3%), e veículos, reboques e carrocerias (-4,6%).

Gráfico 4 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Bahia - 1º semestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

4 Serviços

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de serviços cresceu 0,6% no País no acumulado do primeiro semestre de 2019, de acordo com o Gráfico 1. Dentre os cinco grupos disponibilizados pelo o IBGE, os que obtiveram os maiores resultados foram os serviços prestados às famílias (+4,8%), outros serviços (+3,3%) e serviços de informação e comunicação (+2,6%). Em contraste, transporte, serviços auxiliares aos transportes e correio (-2,7%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (-0,3%) apresentaram recuo, como mostra a Tabela 1.

Quanto às subatividades, destacaram-se positivamente: serviços de tecnologia da informação (+13,1%), serviços de alojamento e alimentação (+5,0%) e outros serviços prestados às famílias (+4,0%). Declinaram de forma expressiva no primeiro semestre de 2019, transporte aéreo (-6,4%), serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias (-4,9%) e armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (-4,5%), conforme a Tabela 1.

Analizando-se os Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), verificou-se crescimento no Maranhão (+3,2%), Pernambuco (+1,5%) e Sergipe (+1,4%), esses acima da média nacional, enquanto Minas Gerais (+0,6%) cresceu abaixo e Rio Grande do Norte (0,0%) ficou estável. Apresentaram desempenho negativo: Bahia (-0,4%), Espírito Santo (-1,7%), Paraíba (-2,0%), Ceará (-2,3%), Alagoas (-4,6%) e Piauí (-6,0%), como demonstra o Gráfico 1.

O IBGE detalha o setor de serviços para os cinco Estados da área de atuação do BNB. No caso do Ceará, as atividades de serviços prestados às famílias (+9,1%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+0,8%) obtiveram crescimento no primeiro semestre de 2019. Registraram declínio as atividades de outros serviços (-32,7%), serviços de informação e comunicação (-3,6%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (-0,8%). Tais informações estão presentes na Tabela 1.

Em Pernambuco, apenas outros serviços (+9,9%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+4,6%) cresceram, enquanto serviços profissionais, administrativos e complementares (-2,1%), serviços prestados às famílias (-0,8%) e serviços de informações e comunicação (-0,1%) registraram quedas. Na Bahia, serviços profissionais, administrativos e complementares (+2,9%), serviços prestados às famílias (+1,8%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+0,3%) registraram crescimento. No entanto, outros serviços (-6,7%) e serviços de informação e comunicação (-4,5%) apresentaram declínio no acumulado deste primeiro semestre.

Em Minas Gerais, os maiores crescimentos foram registrados nos grupos de outros serviços (+24,2%), serviços profissionais, administrativos e complementares (+3,8%) e serviços de informações e comunicação (+2,8%). Já os grupos que apresentaram quedas foram transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-5,6%) e serviços prestados às famílias (-0,8%). No Espírito Santo, transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+3,9%) e serviços prestados às famílias (+3,9%) registraram crescimento, enquanto serviços profissionais, administrativos e complementares (-11,5%), serviços de informação e comunicação (-6,6%) e outros serviços (-4,5%) registraram queda.

Segundo a Confederação Nacional de Bens, Serviços e Turismo (CNC), apesar da estagnação registrada no primeiro semestre de 2019, a entidade projeta crescimento positivo para o volume e receita real do setor de serviços em relação ao ano de 2018, sendo 1,3% e 2,0%, respectivamente.

Gráfico 1 - Variação (%) do volume de serviços - Brasil e estados selecionados⁽¹⁾



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota (1): Acumulado no primeiro semestre de 2019.

Tabela 1 - Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados⁽¹⁾

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Serviços prestados às famílias	4,8	9,1	-0,8	1,8	-0,8	3,9
Serviços de alojamento e alimentação	5,0	-	-	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	4,0	-	-	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	2,6	-3,6	-0,1	-4,5	2,8	-6,6
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	3,7	-	-	-	-	-
Telecomunicações	-0,6	-	-	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	13,1	-	-	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-4,9	-	-	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,3	-0,8	-2,1	2,9	3,8	-11,5
Serviços técnico-profissionais	-0,7	-	-	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-0,2	-	-	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-2,7	0,8	4,6	0,3	-5,6	3,9
Transporte terrestre	-1,4	-	-	-	-	-
Transporte aquaviário	1,1	-	-	-	-	-
Transporte aéreo	-6,4	-	-	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-4,5	-	-	-	-	-
Outros serviços	3,3	-32,7	9,9	-6,7	24,2	-4,5
Total	0,6	-2,3	1,5	-0,4	0,6	-1,7

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Notas (1): Acumulado do primeiro semestre de 2019. O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

5 Comércio Varejista

Conforme divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio varejista registrou crescimento de 0,1% em comparação ao mês de março de 2019 e queda de 0,3% quando comparado com o mesmo período do ano anterior. O comércio ampliado, que inclui varejo restrito mais a comercialização de veículos e material de construção, não obteve variação (0,0%) na comparação com o mês anterior, no entanto, frente a junho de 2018, expandiu-se 1,7%.

No acumulado de 2019, o comércio varejista restrito obteve leve crescimento de 0,6% no País, enquanto o varejo ampliado registrou crescimento de 3,2%, ambos no primeiro semestre de 2019. No acumulado dos últimos 12 meses, finalizados em junho de 2019 foram registrados crescimentos no volume de vendas do varejo restrito e ampliado de 1,1% e 3,7%, respectivamente.

Dentre os dez grupos de atividades pesquisadas, apenas quatro registraram crescimento de janeiro a junho de 2019, são estes: veículos, motocicletas, partes e peças (+11,0%), artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+6,2%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (+4,4) e material de construção (+3,8). Em contraste, as atividades com pior desempenho foram: livros, jornais, revistas, e papelaria (-27,0%), móveis e eletrodomésticos (-1,1%), tecidos, vestuários e calçados (-0,4%), hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,3%), combustíveis e lubrificantes (-0,1%) e equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (-0,1%), conforme os dados especificados na Tabela 1.

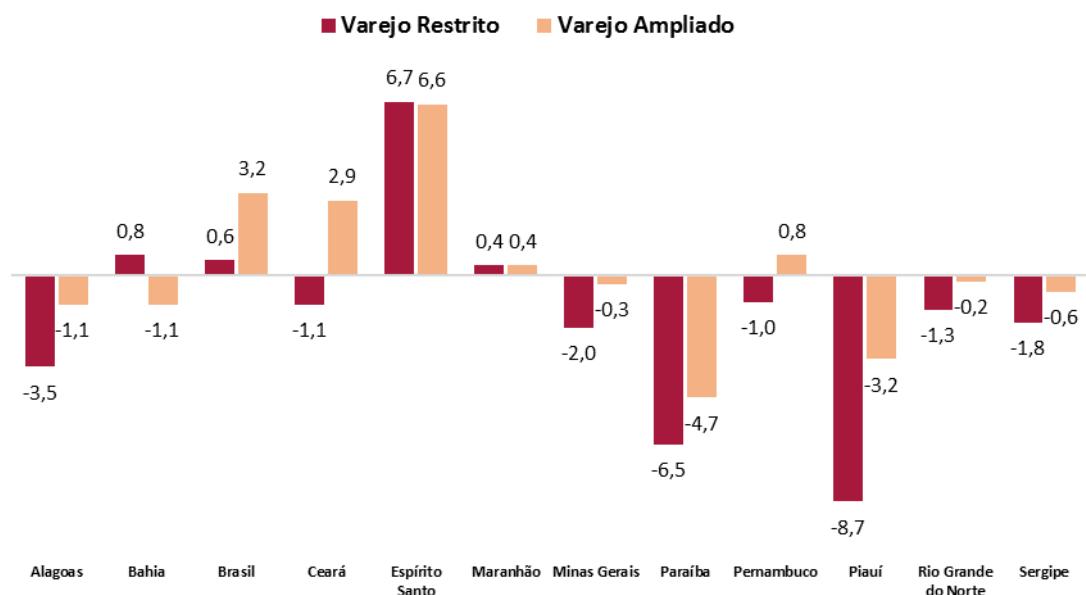
Quanto ao comportamento do varejo restrito nos Estados, verificaram-se valores positivos no acumulado do primeiro semestre de 2019 para Espírito Santo (+6,7%), Bahia (+0,8%), estes acima da média nacional (+0,6%), e Maranhão (+0,4%). Registraram queda, Piauí (-8,7%), Paraíba (-6,5%), Alagoas (-3,5%), Minas Gerais (-2,0%), Sergipe (-1,8%), Rio Grande do Norte (-1,3%), Ceará (-1,1%) e Pernambuco (-1,0%), como demonstra o Gráfico 1.

Em relação ao varejo ampliado, apenas Espírito Santo (+6,6%) apresentou valor acima da média nacional (+3,2%), enquanto Ceará (+2,9%), Pernambuco (+0,8%) e Maranhão (+0,4%) obtiveram valores acumulados positivos, no entanto menores que a média nacional, no primeiro semestre de 2019. Em contrapartida, Paraíba (-4,7%), Piauí (-3,2%), Alagoas (-1,1%), Bahia (-1,1%), Sergipe (-0,6%), Minas Gerais (-0,3%) e Rio Grande do Norte (-0,2%) registraram contração, como mostra o Gráfico 1.

O IBGE detalha o setor comercial para os cinco estados da área de atuação do Banco do Nordeste. No Ceará, veículos, motocicletas, partes e peças (+12,4%), material de construção (+12,0%), móveis e eletrodomésticos (+16,0%), tecidos, vestuários e calçados (+3,5%) e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+3,0%) expandiram. Em Pernambuco, são destaques artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+12,2%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (+9,7), veículos, motocicletas, partes e peças (+7,8%). Na Bahia, a maior alta foi para móveis (+5,5%), seguido de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+5,3%) e tecidos, vestuários e calçados (+2,6%). Em Minas Gerais, a maior alta verificou-se em artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+10,5%), seguindo-se veículos, motocicletas, partes e peças (+7,8%) e hipermercados e supermercados (+3,5%). Por fim, no Espírito Santo, equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+71,6%) e combustíveis e lubrificantes (+8,7%) sobressaíram-se. Os dados para os cinco estados mencionados estão especificados na Tabela 1.

O BNB/ETENE estima que o varejo restrito e o ampliado deverão crescer 2,5% e 4,2% no Brasil em 2019, respectivamente.

Gráfico 1 - Variação (%) do volume de vendas do comércio - Brasil e Estados selecionados - Acumulado em 2019⁽¹⁾



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Variação acumulada de Jan-Jun/2019.

Tabela 1 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados Acumulado em 2019⁽¹⁾

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Comércio varejista	0,6	-1,1	-1,0	0,8	-2,0	6,7
Combustíveis e lubrificantes	-0,1	-5,1	0,7	0,7	-8,0	8,7
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,3	-5,0	-6,6	2,2	3,1	5,9
Hipermercados e supermercados	0,2	-6,8	-5,7	0,8	3,5	5,9
Tecidos, vestuário e calçados	-0,4	3,5	-4,9	2,6	-8,6	8,1
Móveis e eletrodomésticos	-1,1	16,0	-0,1	1,4	-13,7	5,3
Móveis	3,3	-2,8	-12,0	5,5	-7,2	4,3
Eletrodomésticos	-2,7	33,3	5,3	-0,5	-14,9	4,7
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	6,2	3,0	12,2	5,3	10,5	8,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-27,0	-15,0	-30,9	-52,5	-14,8	-41,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,1	-12,7	-19,1	-27,3	2,9	71,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	4,4	-2,8	9,7	2,2	-15,6	3,9
Comércio varejista ampliado	3,2	2,9	0,8	-1,1	-0,3	6,6
Veículos, motocicletas, partes e peças	11,0	12,4	7,8	-4,7	7,8	7,4
Material de construção	3,8	12,0	-4,3	-4,1	-0,5	0,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Variação acumulada de Jan-Jun/2019.

6 Mercado de Trabalho

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o Nordeste apresentou redução de 35.193 postos de trabalho no acumulado do primeiro semestre de 2019. O resultado deriva dos 1.031.092 admitidos e dos 1.066.385 demitidos, com perda de 0,56%, em relação ao estoque do mesmo período de 2018. Cabe destacar que Bahia, Maranhão e Piauí apresentaram saldo positivo. Para o acumulado dos últimos doze meses, de julho de 2018 a junho de 2019, referida Região obteve saldo positivo de 59.212 empregos, conforme detalhado na Tabela 1.

A Bahia registrou saldo positivo de 29.406 postos de trabalho, sendo o quinto Estado que mais gerou empregos celetistas no País no primeiro semestre de 2019. Entre as oito atividades econômicas, sete apresentaram saldo positivo, com destaque para o desempenho do mercado de trabalho formal em: Construção Civil (+10.055); Serviços (+8.830, sendo 3.129 postos nos Serviços médicos, odontológicos e veterinários); Agropecuária (+7.706); e Indústria de Transformação (+3.754, com destaque para Indústria Química que criou 1.510 postos de trabalho e Indústria de Alimentos e Bebidas, com criação de 1.220 vagas). No entanto, Comércio (-2.134) foi a única atividade econômica com redução no quadro de empregados no acumulado de janeiro a maio de 2019. O interior da Bahia gerou 24.770 postos de trabalho e a Região Metropolitana de Salvador +4.636 postos. Juazeiro (+2.553), Eunápolis (+2.364), Alagoinhas (+2.082) e Barreiras (+2.082) foram os municípios que se destacaram, estando entre os oito municípios com maior formação de empregos celetistas no Nordeste, conforme a Tabela 3.

Maranhão (+5.670) apresentou saldo positivo de janeiro a junho de 2019, tendo o resultado sido influenciado pelo favorável desempenho dos Serviços (+6.614, com destaque para Serviços médicos, odontológicos e veterinários que gerou 6.893 vagas e os serviços do Ensino, com formação de 997 postos de trabalho); Indústria de Transformação (+926, com destaque Indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria +1.257); Agropecuária (+449); e Extrativa Mineral (+23). Os demais setores obtiveram saldo negativo: Comércio (-1.244); Construção Civil (-914); Administração Pública (-146) e S.I.U.P.(-38). A Região Metropolitana de São Luís (+3.986) fica atrás somente de Salvador em formação de empregos celetistas no Nordeste. A Região de São Luís lidera a formação de emprego em regime CLT no Nordeste.

O Piauí (+106) apresentou saldo positivo no número de empregados em regime CLT no acumulado do primeiro semestre de 2019. Cabe mencionar que Construção Civil (+1.698), Agropecuária (+492), Indústria de Transformação (+177) e Extrativa Mineral (+49) ampliaram o nível de estoque para este período. Por outro lado, ocorreram perdas em cinco atividades econômicas: Serviços (-1.200); S.I.U.P. (-676); Comércio (-431) e Administração Pública (-3).

Sergipe (-3.430) registrou decréscimo em seu nível de emprego de janeiro a junho de 2019. Os setores que puxaram negativamente o saldo foram: Indústria da Transformação (-2.057); Agropecuária (-1.840); Comércio (-666); Construção Civil (-595); Administração Pública (-37) e Extrativa Mineral (-33). Contudo, os Serviços (+595) e S.I.U.P. (+134) expandiram o nível de emprego no Estado, para o mesmo período.

Rio Grande do Norte (-5.115) apresentou saldo negativo de vagas nos primeiros seis meses de 2019. As reduções ocorreram, principalmente, nos setores da Agropecuária (-4.620), Comércio (-2.084) e Indústria de Transformação (-1.418, com a Indústria Química tendo perdido 1.229 postos de emprego). Em contrapartida, os Serviços (+3.049), S.I.U.P. (+128) e Construção Civil (+34) contribuíram com saldo positivo.

Ceará (-6.994) foi o segundo Estado do Nordeste que mais perdeu empregos nos primeiros seis meses de 2019. É importante mencionar que os setores mais atingidos foram Comércio (-4.704), Construção Civil (-4.278), Indústria de Transformação (-1.985) e Agropecuária (-966). Os Serviços (+4.575) apresentaram expansão no nível de emprego, sendo 1.884 no Ensino e 1.634 postos nos Serviços médicos, odontológicos e veterinários.

Paraíba (-7.654) obteve saldo negativo na variação entre admitidos e desligados, de janeiro a junho de 2019. O resultado foi puxado negativamente devido, principalmente, pelo baixo desempenho da Indústria de Transformação (-4.914 postos, sendo -2.063 na Indústria de alimentos e bebidas e -1.819 na Indústria Química), Agropecuária (-3.897) e Extrativa Mineral (-21). Entretanto, entre os formadores de emprego, Serviços (+2.203), Construção Civil (+326), Comércio (+171) e S.I.U.P. (+114) foram as atividades que mais ampliaram o quadro do pessoal empregado.

Alagoas (-23.506) registrou a segunda maior perda dos trabalhos celetistas no Nordeste, de janeiro a junho de 2019. Destaca-se que o Estado foi afetado, principalmente, pelo desempenho do segmento sucroalcooleiro. Os setores atingidos pelo desemprego foram a Indústria de Transformação (-19.340, cujo resultado está relacionado com a Indústria de alimentos e bebidas, que perdeu -19.756 postos), verificando-se ainda perda no Comércio (-2.081), Agropecuária (-1.965), Serviços (-1.097), S.I.U.P. (-259) e Administração Pública (-22). Contudo os setores da Construção Civil (+1.253) e Extrativa Mineral (+5) registraram saldo positivo no período.

A maior perda de postos de trabalhos celetistas na Região ocorreu em Pernambuco (-23.676), no primeiro semestre de 2019. Tal resultado decorreu, principalmente, do aumento dos desligamentos de emprego na Indústria de Transformação (-20.638, sendo a Indústria de alimentos e bebidas a mais atingida, com perda de 16.834 postos de trabalho), Comércio (-4.945) e Agropecuária (-2.919). Todavia, verificou-se saldo positivo em Serviços (+3.670, com maiores ganhos em Serviços médicos, odontológicos e veterinários e, geração de 3.455 postos, e nos serviços de Ensino, com formação de 1.941 postos).

Tabela 1 - Movimentação de admitidos e desligados no Nordeste e Estados

Estado/Região	Jan - Jun/2019				Últimos Doze Meses (Jul/18 a Jun/19)			
	Admitidos	Desligados	Saldos	Var. (%)	Admitidos	Desligados	Saldos	Var. (%)
Bahia	312.174	282.768	29.406	1,74	607.679	570.644	37.035	2,20
Maranhão	80.653	74.983	5.670	1,22	154.270	146.563	7.707	1,66
Piauí	47.743	47.637	106	0,04	93.591	91.470	2.121	0,73
Sergipe	41.151	44.581	-3.430	-1,20	86.073	85.293	780	0,28
Rio G. do Norte	69.940	75.055	-5.115	-1,20	146.747	142.243	4.504	1,08
Ceará	186.587	193.581	-6.994	-0,61	380.565	374.634	5.931	0,52
Paraíba	59.581	67.235	-7.654	-1,89	126.601	123.289	3.312	0,84
Alagoas	47.638	71.144	-23.506	-6,67	118.294	118.101	193	0,06
Pernambuco	185.725	209.401	-23.676	-1,90	398.952	401.323	-2.371	-0,19
Nordeste	1.031.192	1.066.385	-35.193	-0,56	2.112.772	2.053.560	59.212	0,95

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

Tabela 2 - Movimentação de admitidos e desligados nas áreas metropolitanas e interior - 1º semestre de 2019

Estado/Região	Áreas Metropolitanas			Interior		
	Admitidos	Desligados	Saldo	Admitidos	Desligados	Saldo
Bahia	142.378	137.742	4.636	169.796	145.026	24.770
Piauí	31.523	33.866	-2.343	16.220	13.771	2.449
Maranhão	45.203	41.217	3.986	35.450	33.766	1.684
Ceará	145.576	150.363	-4.787	41.011	43.218	-2.207
Sergipe	27.951	28.794	-843	13.200	15.787	-2.587
Rio Grande do Norte	44.770	44.754	16	25.170	30.301	-5.131
Paraíba	31.756	33.909	-2.153	27.825	33.326	-5.501
Pernambuco	120.982	130.106	-9.124	64.743	79.295	-14.552
Alagoas	32.595	40.854	-8.259	15.043	30.290	-15.247
Nordeste	622.734	641.605	-18.871	408.458	424.780	-16.322

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

Tabela 3 - Principais municípios do Nordeste com saldo de empregos celetistas - 1º semestre de 2019

Município	Extrativa Mineral	Indústria de Transformação	S.U.I.P. ¹	Construção Civil	Comércio	Servicos	Administração Pública	Agropecuária	Total
Ma-São Luís	6	125	-49	-547	-816	5.503	-36	-44	4.142
Ba-Salvador	-9	-464	-26	4.047	-1.687	1.540	-179	-63	3.159
Ba-Juazeiro	19	1.436	30	-143	-112	636	-18	705	2.553
Ba-Eunápolis	-1	-29	1	28	-12	-45	0	2.422	2.364
Ba-Alagoinhas	-2	-2	1	151	213	1.203	3	515	2.082
Ba-Barreiras	10	37	30	1.520	-6	422	3	43	2.059
Pe-Petrolina	2	26	8	61	-112	408	-4	1.141	1.530
Ba-Camaçari	1	63	-15	1.877	-307	-215	0	-4	1.400
Sub Total	26	1.192	-20	6.994	-2.839	9.452	-231	4.715	19.289
Nordeste	278	-45.495	422	8.304	-18.118	26.653	323	-7.560	-35.193

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

Nota: (1) Serviços Industriais de Utilidade Pública.

7 Comércio Exterior

A balança comercial brasileira apresentou superávit de US\$ 26.181,7 milhões no primeiro semestre de 2019, valor 12,8% inferior ao apresentado no mesmo período de 2018 (US\$ 30.017,3 milhões), segundo dados divulgados pelo Ministério da Economia.

As exportações totalizaram US\$ 109.945,7 milhões, queda de 3,4% em relação ao primeiro semestre do ano passado. Já as importações somaram US\$ 83.74,0 milhões, praticamente o mesmo valor alcançado no primeiro semestre de 2018 (US\$ 83.800,6 milhões). A corrente de comércio do Brasil, indicador expresso pela soma dos valores exportados e importados pelo País, alcançou US\$ 193.709,7 milhões nos seis primeiros meses de 2019 contra US\$ 197.618,5 milhões no acumulado até junho de 2018, queda de 2,0% no período em análise.

A decomposição das exportações nordestinas por fator agregado (Tabela 1) mostra que, no primeiro semestre deste ano, os produtos básicos representaram 51,7% da pauta exportadora, registrando alta de 3,5%, comparativamente ao primeiro semestre do ano passado. O principal produto do grupo e da pauta brasileira, Soja, auferiu receita de US\$ 15.430,1 milhões, ou, 14,0% da pauta total). Entretanto, comparativamente a igual período de 2018, as vendas externas do grão recuaram 16,3%. Além de uma safra menor, a queda no preço médio da soja por tonelada e a redução da demanda da China, atingida pela peste suína, contribuíram para esse desempenho.

O decréscimo das exportações de produtos semimanufaturados (-3,2%) foi causado, principalmente, pela queda de 23,9% nas exportações de Açúcar de cana (de US\$ 2.538,2 milhões para US\$ 1.930,0 milhões) no período em análise.

Os produtos manufaturados (34,9% de participação) registraram recuo de 6,3% nas vendas externas nos seis primeiros meses de 2019. Esse resultado foi motivado, principalmente, pela queda de 35,7% nas vendas de Automóveis de passageiros, devido à crise argentina.

As Operações especiais, como Consumo de bordo dentro de portos (Óleos e combustíveis e demais consumo de bordo), Transações especiais e Reexportação também registraram queda, influenciando fortemente o desempenho das exportações brasileiras.

Pelo lado das importações, a desagregação por grandes categorias econômicas (Tabela 2) revela que as compras de Bens Intermediários (59,8% do total) aumentaram 1,1%, no período em análise. Nessa categoria, foram importados, principalmente: Insumos industriais elaborados (36,9%), Peças e acessórios para bens de capital (11,9%) e Peças para equipamentos de transporte (6,8%). Entretanto, enquanto as importações de Insumos industriais elaborados e de Peças e acessórios para bens de capital aumentaram 4,9% e 0,6%, respectivamente, as de Peças para equipamentos de transporte retrocederam 17,9%.

Já as aquisições de Bens de Capital aumentaram 4,5%, no período jan-jun/2019 frente a jan-jun/2018, com destaque para o crescimento das aquisições de Equipamentos de transporte industrial (+16,4%).

As compras de Bens de Consumo (14,2% das importações) registraram queda de 7,1%, no período em foco, sendo significativa a redução nas aquisições de Bens de Consumo Duráveis (-16,5%) devido à redução das importações de automóveis de passageiros (-23,5%).

Quanto à categoria Combustível e Lubrificante (12,0% da pauta), a retração de 1,7% foi consequência, principalmente, da redução das importações de Óleos combustíveis, inclusive óleo diesel (-13,0%) e Carvão mineral e gás natural (-11,1%).

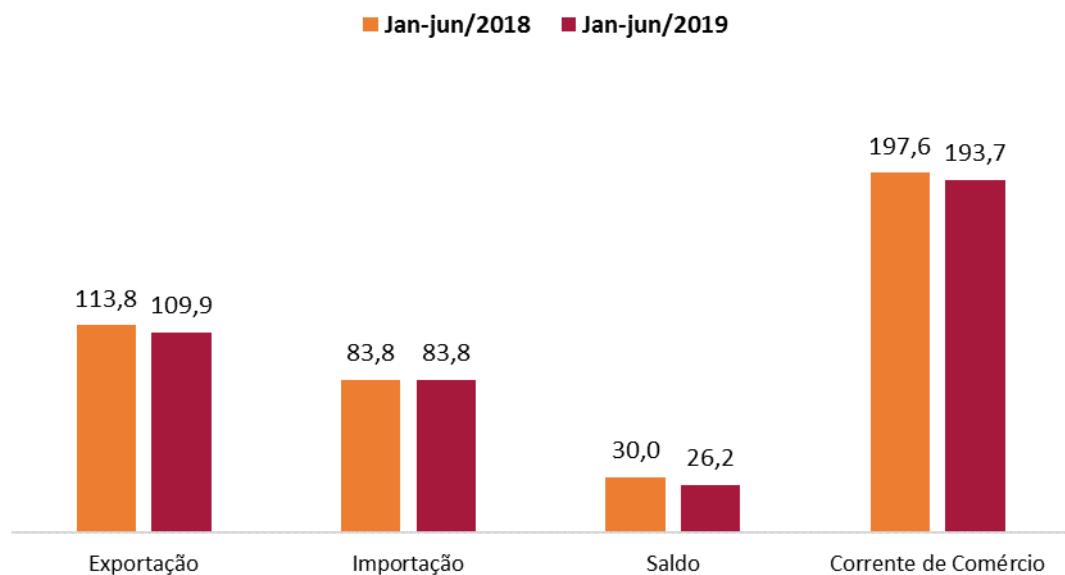
Os principais destinos das vendas externas brasileiras, no acumulado do ano, foram: China (27,7%, Soja; Óleos brutos de petróleo; Minérios de ferro), Estados Unidos (13,4%, Produtos semimanufaturados de ferro ou aços; Óleos brutos de petróleo, Aviões), Argentina (4,7%, Automóveis de passageiros; Partes e peças para veículos automóveis e tratores, Demais produtos manufaturados). As exportações para a China (+1,2%) e Estados Unidos (+12,2%) evoluíram enquanto para a Argentina (-41,6%) sofreram expressiva queda, em relação a igual período do ano passado.

Já os principais países de origem das importações brasileiras foram: China (21,5%, Demais produtos manufaturados, Plataformas de perfuração ou de exploração e dragas, Aparelhos transmissores ou receptores e componentes), Estados Unidos (16,5%, Óleos combustíveis, Demais produtos manufaturados e Demais produtos básicos) e Argentina (6,3%, Veículos de carga, Trigo em grãos, Automóveis de passageiros). Cresceram as importações dos principais parceiros: China (+20,1%), Estados Unidos (+1,6%) e Argentina (+3,0%).

O saldo da balança comercial brasileira segundo os principais parceiros, no acumulado dos seis primeiros meses de 2019, registrou superavit com a China (US\$ 12.447,7 milhões) e Estados Unidos (US\$ 927,5 milhões), sendo porém deficitário com a Argentina (US\$ 155,3 milhões).

A previsão do saldo da balança comercial para 2019 foi revista de US\$ 50,1 bilhões para US\$ 56,7 bilhões. Essa alta decorrerá, segundo a Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais do Ministério da Economia, da queda de 2,0% do valor das exportações e de 1,9% das importações em relação ao valor exportado em 2018. O desaquecimento do comércio global, a queda de preços em algumas commodities e a lenta recuperação da economia brasileira motivaram a revisão das expectativas.

Gráfico 1 - Brasil: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

Tabela 1 - Brasil - Exportação por fator agregado - US\$ milhões

Fator agregado	jan-jun/2019		jan-jun/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Básicos	56.878,5	51,7	54.938,0	48,3	3,5
Industrializados	53.058,8	48,3	56.115,1	49,3	-5,4
Semimanufaturados	14.642,7	13,3	15.123,4	13,3	-3,2
Manufaturados	38.416,2	34,9	40.991,7	36,0	-6,3
Operações especiais	8,4	0,0	2.764,9	2,4	-99,7
Total	109.945,7	100,0	113.817,9	100,0	-3,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

Nota: (1) As operações especiais incluem Transações especiais, consumo de bordo e reexportação.

Tabela 2 - Brasil - Importação por grandes categoria econômicas - US\$ milhões

Categoria econômica	jan-jun/2019		jan-jun/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	11.676,5	13,9	11.172,1	13,3	4,5
Bens intermediários	50.128,9	59,8	49.573,7	59,2	1,1
Bens de consumo	11.855,8	14,2	12.764,4	15,2	-7,1
Bens de consumo não duráveis	9.257,4	11,1	9.651,2	11,5	-4,1
Bens de consumo duráveis	2.598,4	3,1	3.113,3	3,7	-16,5
Combustíveis e lubrificantes	10.074,7	12,0	10.247,8	12,2	-1,7
Bens não especificados anteriormente	28,1	0,0	42,6	0,1	-33,9
Total	83.764,0	100,0	83.800,6	100,0	0,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

As exportações do Nordeste totalizaram US\$ 7.860,8 milhões no acumulado de janeiro-junho de 2018, com queda de 6,3% em relação ao mesmo período de 2018 (Gráfico 2). As importações somaram US\$ 9.866,8 milhões, registrando ligeiro recuo de 0,9%. A balança comercial da Região, portanto, registrou deficit de US\$ 2.006,0 milhões, valor 27,8% superior ao computado em mesmo período do ano anterior (- US\$ 1.569,6 milhões).

A análise das exportações do Nordeste por fator agregado (Tabela 3) mostra que, no período em foco, as vendas dos produtos básicos (25,2% da pauta da Região) cresceram 3,2%. Os principais produtos do segmento foram Soja (11,6% da pauta), Algodão (1,9%) e Farelo e resíduos da extração de óleo de soja (1,7%). Comparativamente a igual período de 2018, as vendas externas de Soja e Farelo e resíduos da extração de óleo de soja decresceram 16,5% e 35,7%, respectivamente, enquanto de Algodão cresceram 181,7%.

Já nas exportações de semimanufaturados (31,6% da pauta) que recuaram 8,1%, no período em análise, as vendas dos principais produtos do grupo, Celulose (13,3% da pauta) e Açúcar de cana (2,0%) decresceram 14,4% e 29,2%, respectivamente, enquanto, os Produtos semimanufaturados de ferro e aço (7,6%) aumentaram 2,2%.

Os produtos manufaturados (43,1% de participação) registraram recuo de 8,1% das vendas externas no período em análise. Contribuíram para esse resultado a queda nas exportações de Alumina Calcinada (-US\$ 108,0 milhões), Óleos combustíveis (- US\$ 229,4 milhões) e Automóveis de passageiros (- US\$ 205,4 milhões). Entretanto, parte da perda de receita foi compensada pelo incremento das exportações de Cobre, em barras, perfis, fios, chapas, folhas e tiras (+ US\$ 120,0 milhões) e de Motores, geradores e transformadores elétricos e suas partes (- US\$ 112,7 milhões).

Os cinco principais parceiros comerciais do Nordeste absorveram 57,8% das vendas externas da Região, no acumulado do ano de 2019: Estados Unidos (18,8%, Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço; Pastas químicas de madeira; Alumina calcinada); China (18,3%, Soja; Pastas químicas de madeira; Cátodos e seus elementos de cobre refinado); Argentina (6,7%, Automóveis com motor a explosão, de cilindrada superior a 1.000 cm³, mas não superior a 1.500 cm³; Alumina calcinada; Automóveis com a motor a explosão, 1500 < cm³ <= 3000); Canadá (6,5%, Alumina calcinada; Outros resíduos/desperdícios, de outros metais preciosos; Pentóxido de divanádio); e Holanda (5,9%, Pastas químicas de madeira, a soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução; Pentóxido de divanádio; Mangas frescas ou secas).

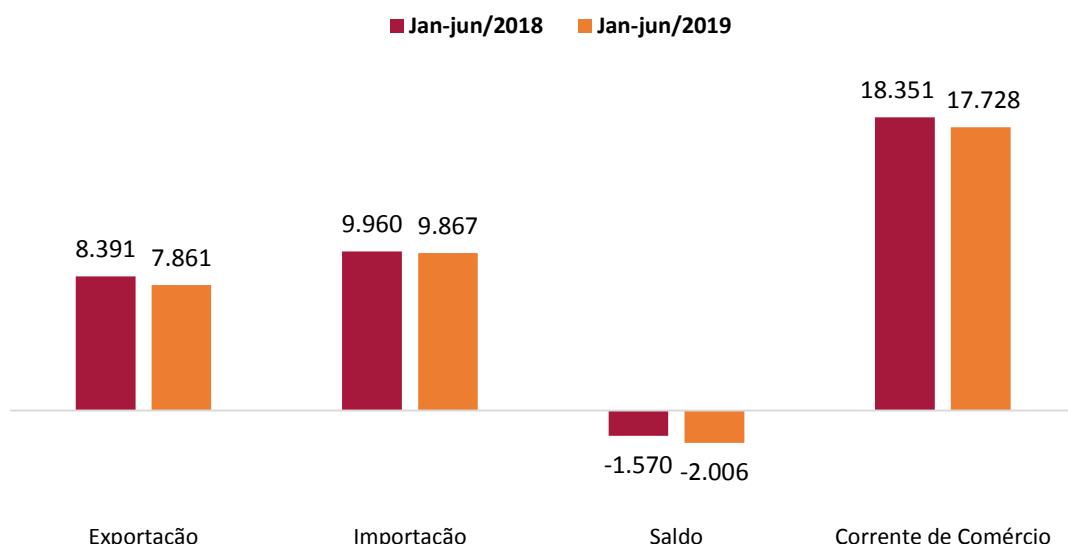
Comparativamente ao mesmo período de 2018, as exportações para os Estados Unidos cresceram 19,7%, enquanto as vendas para a Argentina (-50,0%), China (-13,3%), Canadá (-7,1%) e Holanda (-3,1%) decresceram.

Do lado das importações do Nordeste (Tabela 4), as categorias Combustíveis e lubrificantes (31,4% das aquisições) e Bens de Capital (8,6%) registraram crescimento de 9,5% e 11,6%, respectivamente, no período comparativo de jan-jun/19 com jan-jun/18. As demais sofreram redução nas compras: Bens intermediários (-5,0%) e Bens de Consumo (-22,3%).

Os principais itens importados foram: Óleo diesel (11,6%), Naftas para petroquímica (7,6%), Outras gasolinhas, exceto para aviação (5,5%), Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados (4,0%) e Gás natural liquefeito (3,4%).

Os principais países de origem das importações do Nordeste no primeiro semestre de 2019 foram: Estados Unidos (31,1%, Óleo diesel); Outras gasolinhas, exceto para aviação; Outros propanos liquefeitos); China (9,0%, Células solares em módulos ou painéis; Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado; Glifosato e seu sal de monoisopropilamina); Argentina (7,6%, Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura; Outros veículos automóveis com motor a diesel, para carga <= 5 toneladas; Automóveis com motor a diesel, cm³ > 2500, superior a 6 passageiros); Suíça (4,2%, Condensadores para máquinas a vapor; Outras frações do sangue, preparadas como medicamentos; Caldeiras aquatubulares); e Índia (3,4%, Óleo diesel, Querosenes de aviação, Outros fios simples de poliésteres). Ante janeiro a junho de 2018, cresceram as compras oriundas dos Estados Unidos (+3,4%), Índia (+115,3%) e Suíça (272,3%) enquanto as da China (-13,9%) e Argentina (-14,5%) recuaram.

Gráfico 2 - Nordeste: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio - US\$ milhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Tabela 3 - Nordeste - Exportação por fator agregado - US\$ milhões

Fator agregado	jan-jun/2019		jan-jun/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Básicos	1.984,6	25,2	1.923,8	22,9	3,2
Industrializados	5.875,2	74,7	6.393,8	76,2	-8,1
Semimanufaturados	2.485,1	31,6	2.705,4	32,2	-8,1
Manufaturados	3.390,1	43,1	3.688,4	44,0	-8,1
Operações especiais	0,9	0,0	73,2	0,9	-98,7
Total	7.860,8	100,0	8.390,8	100,0	-6,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Nota: Operações especiais: Transações especiais e Consumo de bordo, Reexportação.

Tabela 4 - Nordeste - Importação por grandes categoria econômicas - US\$ milhões

Grande categoria econômica	jan-jun/2019		jan-jun/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	847,4	8,6	759,5	7,6	11,6
Bens intermediários	5.321,1	53,9	5.600,6	56,2	-5,0
Bens de consumo	599,9	6,1	772,7	7,8	-22,4
Bens de consumo não duráveis	454,2	4,6	488,8	4,9	-7,1
Bens de consumo duráveis	145,6	1,5	283,8	2,8	-48,7
Combustíveis e lubrificantes	3.096,6	31,4	2.827,4	28,4	9,5
Bens não classificados	1,8	0,0	0,2	0,0	882,7
Total	9.866,8	100,0	9.960,4	100,0	-0,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

A Bahia lidera o ranking dos Estados exportadores do Nordeste, participando com 48,5% do total das vendas externas. Nos seis primeiros meses de 2019, as exportações somaram US\$ 3.814,5 milhões, crescimento de 2,2% ante mesmo período de 2018. As importações atingiram US\$ 3.439,8 milhões, aumento de 14,8% na mesma comparação. A balança comercial do Estado, portanto, registrou superávit de US\$ 374,7 milhões. Pasta química madeira (14,4%), Soja (10,7%) e óleo combustível (10,3%) foram os principais produtos exportados pelo Estado, no semestre. Comparativamente ao mesmo período de 2018, as vendas de Pasta química de madeira e de Soja retrocederam 11,5% e 7,1%, enquanto as de Óleo combustível cresceram 54,8%. Vale ressaltar, também, a queda de 48,3% nas vendas do Setor automotivo e o significativo aumento de 246,1% das exportações de Algodão.

No Maranhão, as vendas ao exterior (US\$ 1.669,5 milhões) registraram redução 9,8% e as aquisições (US\$ 1.575,0 milhões) aumentaram 21,4%, no período de janeiro a junho de 2019, frente ao mesmo período do ano passado, gerando superávit de US\$ 94,5 milhões. Os principais produtos exportados pelo Estado, no primeiro semestre de 2019, Alumina calcinada (40,8%), Pasta química de madeira (23,8%) e Soja (21,5%) apresentaram queda nas vendas de 13,7%, 18,9% e 19,2%, respectivamente. Em contrapartida, a retomada da operação da usina de pelotização pela Vale S.A., em São Luís, no ano passado, possibilitou o embarque de Minérios de ferro e seus concentrados no valor de US\$ 115,7 milhões, ou seja, 6,9% do total exportado.

O Ceará acumulou superávit de US\$ 29,3 milhões, nos seis primeiros meses de 2019, resultado de exportações no valor de US\$ 1.127,1 milhões (+9,9%) e de importações de US\$ 1.097,8 milhões (-15,8%). As vendas dos produtos siderúrgicos alcançaram 52,4% da pauta cearense, crescimento de 5,0%, no período em análise. Os embarques de pás eólicas e aerogeradores, com 9,1% de participação, registraram significativo aumento de 375% no valor das vendas externas.

Em Pernambuco, as exportações totalizaram US\$ 606,8 milhões e as importações US\$ 2.455,6 milhões, no primeiro semestre de 2019, resultando em déficit de US\$ 1.848,8 milhões no saldo da balança comercial. Ante o primeiro semestre de 2018, as exportações retrocederam 44,7% e as importações 31,2%. Os principais produtos exportados, Automóveis com motor explosão, 1500 < cm³ <= 3000, até 6 passageiros (20,5% da pauta pernambucana) e Óleo combustível (16,5%) reduziram suas vendas em 30,5% e 43,8%, respectivamente, enquanto o Produto Poli (tereftalato de etileno) (13,1%) registrou incremento de 40,0%, no período comparativo.

No Rio Grande do Norte, o saldo da balança comercial, no acumulado até junho deste ano, registrou superávit de US\$ 128,6 milhões, decorrente de US\$ 206,5 milhões de exportações e de US\$ 77,9 milhões de importações. Frente ao mesmo período do ano passado, as exportações cresceram 60,3% e as importações, 2,8%. O principal item da pauta de exportação foi Melões frescos (24,5%) que nesse período comparativo registrou crescimento de 108,9%. Em seguida, estão as vendas, consideradas temporárias, de Aviões (US\$ 25,6 milhões, 12,4%) e Turborreatores (US\$ 21,7 milhões, 10,5%) para os Estados Unidos.

As exportações de Alagoas alcançaram o montante de US\$ 168,8 milhões, queda de 18,7%, no período jan-jun/2019 frente a jan-jun/2018. Registrando a mesma tendência, as importações caíram 16,9%, totalizando US\$ 257,3 milhões, resultando em déficit na balança comercial da ordem de US\$ 88,5 milhões. Nesse período comparativo, o principal produto exportado, Açúcares de cana (84,0% da pauta), registrou recuo de 24,8% no valor exportado e de 22,3% na quantidade embarcada.

O Piauí acumulou superávit de US\$ 115,2 milhões no primeiro semestre de 2019, resultado de US\$ 182,4 milhões de exportações e US\$ 67,3 milhões de importações. Relativamente ao primeiro semestre do ano passado, tanto as exportações piauienses (-28,0%) como as importações (-20,4%) decresceram. Soja representou 85,3% da pauta do Estado, registrando contração de 27,0%. As vendas externas de Ceras vegetais (-32,2%) e Mel natural (-59,9%) também recuaram nesse período.

As exportações da Paraíba somaram, no primeiro semestre de 2019, US\$ 54,1 milhões (+3,0% em relação ao primeiro semestre de 2018), enquanto as importações alcançaram US\$ 290,2 milhão (+15,4%). Como resultado, o saldo da balança comercial foi deficitário em US\$ 236,1 milhões. Óleos brutos de petróleo (18,0%), Outras naftas, exceto para petroquímica (11,9%), Óleos e produtos da destilação do alcatrão de hulha (8,0%), Malte (8,0%) e Trigo (7,9%) representaram 53,8% das aquisições do Estado.

Sergipe exportou, nos seis primeiros meses deste ano, US\$ 31,1 milhões, 26,2% inferior ao total registrado no mesmo período de 2018. Esse resultado decorreu, principalmente, da queda nas vendas de Suco de laranja (-29,7%) e de Calçados (-27,4%), apesar do aumento do valor exportado de Açúcares de cana (+47,26%). Já as importações (US\$ 606,3 milhões) cresceram 767,5%, nesse período, com destaque para as aquisições de Outros grupos eletrogêneos (37,0%), Condensadores para máquinas a vapor (16,9%) e Caldeiras aquatubulares (10,6%).

Tabela 5 - Exportação, importação e saldo da balança comercial - Jan/jun 2019 - US\$ milhões

Estado/Região	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var. (%) 2019/2018	Valor	Part. (%)	Var. (%) 2019/2018	
Bahia	3.814,5	48,5	2,2	3.439,8	34,9	14,8	374,7
Maranhão	1.669,5	21,2	-9,8	1.575,0	16,0	21,4	94,5
Ceará	1.127,1	14,3	9,9	1.097,8	11,1	-15,8	29,3
Pernambuco	606,8	7,7	-44,7	2.455,6	24,9	-31,2	-1.848,8
Rio Grande do Norte	206,5	2,6	60,3	77,9	0,8	2,8	128,6
Piauí	182,4	2,3	-28,0	67,3	0,7	-20,4	115,2
Alagoas	168,8	2,1	-18,7	257,3	2,6	-16,9	-88,5
Paraíba	54,1	0,7	3,0	290,2	2,9	15,4	-236,1
Sergipe	31,1	0,4	-26,2	606,3	6,1	767,5	-575,2
Nordeste	7.860,8	100,0	-6,3	9.867,1	100,0	-0,9	-2.006,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

Tabela 6 - Principais produtos exportados e importados - Jan-jun/2019 - Em %

Estado/Região	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Bahia	Pasta química madeira (14,4%), Soja (10,7%), Óleo combustível (10,3%)	Naftas para petroquímica (21,7%), Sulfetos de minérios de cobre (11,3%), Gás natural liquefeito (7,3%)
Maranhão	Alumina calcinada (40,8%), Pasta química madeira (23,8%), Soja, (21,5%)	Óleo diesel (48,7%), Gasolina (18,0%), Álcool etílico (11,1%)
Ceará	Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço (47,5%), Partes de outros motores/ geradores/ grupos eletrogeradores, (9,5%), Produtos semimanufaturados (4,9%)	Hulha betuminosa (20,6%), Trigo (9,2%), Óleo diesel (6,0%)
Pernambuco	Automóveis c motor a explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros (20,5%), Óleo combustível (16,5%), Poli(tereftalato de etileno (13,1%)	Óleo diesel (12,5%), Outros propanos liquefeitos (12,1%), Querosenes de aviação (8,8%)
Rio G. do Norte	Melões frescos (24,5%), Aviões (12,4%), Turborreatores (10,5%)	Trigo (36,0%), Polietileno (4,8%), Máquinas e aparelhos para empacotar/embalar mercadorias (3,8%)
Piauí	Soja (85,3%), Ceras vegetais (10,3%), Mel natural (1,6%)	Produtos laminados planos (28,5%), Trigo (12,9%), Produtos laminados planos (7,0%)
Alagoas	Açúcares de cana (84,0%), Poli(cloreto de vinila) (2,9%), Farinhas e pellets (2,0%)	Diidrogeno-ortofosfato de amônio (4,7%), Alho (3,9%), Trigo (3,4%)
Paraíba	Calçados de borracha/plást. c/parte superior em tiras (50,8%), Fios de algodão (6,5%), Ilmenita (minérios de titânio) (5,2%)	Óleos brutos de petróleo (18,0%), Nafta (11,9%), Óleos e produtos da destilação do alcatrão de hulha (8,0%)
Sergipe	Suco de laranja (51,4%), Açúcares de cana (11,3%), Calçados (6,3%)	Grupos eletrogêneos (37,0%), Condensadores para máquinas a vapor (16,9%), Caldeiras aquatubulares (10,6%)
Nordeste	Pasta química de madeira (12,1%), Soja (11,7%), Alumina calcinada (8,7%)	Óleo diesel (11,6%), Naftas para petroquímica (7,6%), Gasolina (5,5%)

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

Tabela 7 - Principais países de destino das exportações e origem das importações - Jan/jun 2019 - Em %

Estado/Região	Principais Países de Destinos das Exportações	Principais Países de Origens das Importações
Bahia	China (25,3%), Estados Unidos (10,9%), Argentina (7,9%)	Estados Unidos (14,1%), China (8,4%), Argentina (7,6%)
Maranhão	Estados Unidos (23,4%), Canadá (21,8%), China (18,4%)	EUA (60,3%), Holanda (9,6%), Emirados Árabes Unidos (9,2%)
Ceará	Estados Unidos (44,2%), México (10,4%), Itália (9,5%)	Estados Unidos (26,2%), China (18,0%), Argentina (9,1%)
Pernambuco	Estados Unidos (22,7%), Argentina (21,7%), México (9,5%)	Estados Unidos (40,8%), Argentina (11,4%), Índia (8,1%)
Rio G. do Norte	EUA (40,0%), Holanda (14,8%), Reino Unido (10,5%)	Argentina (34,5%), Estados Unidos (18,8%), China (11,5%)
Piauí	China (74,2%), Estados Unidos (4,8%), Espanha (4,7%)	China (27,1%), Ucrânia (16,4%), Turquia (11,2%)
Alagoas	Argélia (20,5%), Estados Unidos (12,5%), Canadá (10,2%)	China (46,4%), Estados Unidos (9,5%), Argentina (6,8%),
Paraíba	França (13,6%), Colômbia (11,5%), Austrália (9,2%)	Estados Unidos (44,1%), China (13,5%), Argentina (12,4%)
Sergipe	Bélgica (29,3%), Países Baixos (Holanda) (24,1%), Benin (5,6%)	Suíça (54,1%), Estados Unidos (29,8%), Argentina (4,2%)
Nordeste	Estados Unidos (18,8%), China (18,3%), Argentina (6,7%)	Estados Unidos (31,1%), China (9,0%), Argentina (7,6%)

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

8 Finanças Públicas

A arrecadação de ICMS no Brasil alcançou R\$ 244,2 bilhões no primeiro semestre de 2019, ante R\$ 228,3 bilhões no mesmo período de 2018, significando ganho real de 2,7%, conforme especificado na Tabela 1.

No Nordeste, a arrecadação de ICMS atingiu R\$ 41,5 bilhões nos seis primeiros meses de 2019, em contraste com R\$ 38,0 bilhões em igual período de 2018, significando incremento real de 5,0% no período em análise. Nas demais regiões, os ganhos em termos reais ocorreram no Norte (+4,3%), Sudeste (+2,3%), Centro-Oeste (+1,3%) e Sul (+1,7%).

Quanto aos Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, verificaram-se incrementos de arrecadação em termos reais no Espírito Santo (+10,9%), Maranhão (+10,0%), Paraíba (+6,5%), Bahia (+6,2%), Ceará (+5,6%), Pernambuco (+5,1%), Minas Gerais (+4,2%), Sergipe (+1,7%), Piauí (+0,8%) e Alagoas (+0,7%). Somente o Rio Grande do Norte (-0,6%) apresentou perda real de arrecadação, no período em análise.

A concentração do ICMS é refletida na distribuição do tributo em termos regionais. O Sudeste respondeu por metade do ICMS arrecadado no primeiro semestre de 2019, precisamente 49,6%. A seguir, ficaram o Sul (17,7%), Nordeste (17,0%), Centro-Oeste (9,4%) e Norte (6,3%).

A título de comparação, segue a distribuição da população por Região: Sudeste (41,8%); Nordeste (27,5%); Sul (14,3%); Norte (8,7%); e Centro-Oeste (7,7%). Verifica-se, portanto que, em termos regionais, Sudeste, Sul e Centro-Oeste possuem participações na arrecadação de ICMS superiores, em comparação com suas respectivas porcentagens de população. No Norte e Nordeste, verifica-se o inverso, sendo que o maior hiato entre arrecadação de ICMS e população está no Nordeste e Estados dessa Região, conforme especificado na Tabela 1.

Quanto aos Estados, São Paulo respondeu por 29,3% do total arrecadado com ICMS no País nos seis primeiros meses de 2019. Seguiram: Minas Gerais (10,3%), Rio de Janeiro (7,6%), Rio Grande do Sul (6,9%) e Paraná (6,1%). Em conjunto, referidas Unidades Federativas responderam por 60,2% da arrecadação de ICMS do Brasil nos meses em questão, vide Tabela 1.

Além de Minas Gerais, três outros Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste situaram-se entre os dez principais arrecadadores de ICMS do País no primeiro semestre de 2019: Bahia (6º), Pernambuco (8º) e Ceará (10º). Este último não figurou nesse grupo, no primeiro semestre de 2018, tendo assumido o lugar de Mato Grosso. Outro Estado que ganhou uma posição, em 2019, foi a Paraíba (18º), em detrimento do Rio Grande do Norte (19º). Seguem as demais posições: Espírito Santo (13º), Maranhão (17%), Alagoas (21º) e Sergipe (23º).

Bahia (R\$ 11,8 bilhões), Pernambuco (R\$ 8,3 bilhões) e Ceará (R\$ 6,2 bilhões) permaneceram como os três principais Estados do Nordeste em termos de arrecadação de ICMS no primeiro semestre de 2019, refletindo a importância econômica dessas Unidades Federativas no contexto da Região. Em conjunto, referidos Estados responderam por 63,5% do total recolhido com ICMS no Nordeste no período em análise.

Seguiram Maranhão (R\$ 3,6 bilhões), Paraíba (R\$ 2,9 bilhões) e Rio Grande do Norte (R\$ 2,8 bilhões). Em conjunto, as citadas Unidades Federativas foram responsáveis por 22,5% da arrecadação de ICMS no Nordeste nos seis primeiros meses de 2019. Posteriormente, tem-se Piauí (R\$ 2,1 bilhões), Alagoas (R\$ 2,0 bilhões) e Sergipe (R\$ 1,7 bilhão), que ficaram com 14,0% da arrecadação de ICMS da Região.

Tabela 1 - Arrecadação de ICMS - 1º Semestre de 2018 e 2019 - R\$ Milhões

Estados/Regiões	2018	2019	Participação ¹	Var. (%) Real	Ranking ²	População em 2018	Participação População (%)
Alagoas	1.939	2.033	0,8	0,7	21	3.322.820	1,6
Bahia	10.679	11.822	4,8	6,2	6	14.812.617	7,1
Ceará	5.603	6.168	2,5	5,6	10	9.075.649	4,4
Maranhão	3.163	3.625	1,5	10,0	17	7.035.055	3,4
Paraíba	2.610	2.897	1,2	6,5	18	3.996.496	1,9
Pernambuco	7.604	8.325	3,4	5,1	8	9.496.294	4,6
Piauí	2.017	2.118	0,9	0,8	20	3.264.531	1,6
Rio Grande do Norte	2.730	2.827	1,2	-0,6	19	3.479.010	1,7
Sergipe	1.627	1.724	0,7	1,7	23	2.278.308	1,1
Nordeste	37.971	41.540	17,0	5,0	3	56.760.780	27,2
Acre	595	643	0,3	3,7	25	869.265	0,4
Amapá	401	430	0,2	3,1	27	829.494	0,4
Amazonas	4.522	4.685	1,9	-0,6	15	4.080.611	2,0
Pará	5.081	5.679	2,3	7,3	12	8.513.497	4,1
Rondônia	1.697	1.879	0,8	6,2	22	1.757.589	0,8
Roraima	410	528	0,2	23,5	26	576.568	0,3
Tocantins	1.351	1.437	0,6	2,1	24	1.555.229	0,7
Norte	14.057	15.281	6,3	4,3	5	18.182.253	8,7
Espírito Santo	4.912	5.675	2,3	10,9	13	3.972.388	1,9
Minas Gerais	23.235	25.224	10,3	4,2	2	21.040.662	10,1
Rio de Janeiro	17.173	18.458	7,6	3,1	3	17.159.960	8,2
São Paulo	68.211	71.639	29,3	0,8	1	45.538.936	21,8
Sudeste	113.531	120.996	49,6	2,3	1	87.711.946	42,1
Paraná	14.642	14.813	6,1	-2,9	5	11.348.937	5,4
Rio Grande do Sul	16.046	16.966	6,9	1,5	4	11.329.605	5,4
Santa Catarina	10.180	11.550	4,7	8,9	7	7.075.494	3,4
Sul	40.868	43.329	17,7	1,7	2	29.754.036	14,3
Distrito Federal	4.018	3.988	1,6	-4,7	16	2.974.703	1,4
Goiás	7.481	8.261	3,4	6,0	9	6.921.161	3,3
Mato Grosso	5.740	6.021	2,5	0,7	11	3.441.998	1,7
Mato Grosso do Sul	4.593	4.769	2,0	-0,4	14	2.748.023	1,3
Centro-Oeste	21.833	23.038	9,4	1,3	4	16.085.885	7,7
Brasil	228.260	244.183,1	100,0	2,7	-	208.494.900	100,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central do Brasil e Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

Notas: (1) Participação 2019. (2) Estados e Regiões. (3) Variação real pelo IPCA. Mês de junho, estimado para Alagoas, Paraná e Roraima.

As Transferências Fiscais representam repasses de verbas entre instituições públicas, a exemplo do Fundo de Participação dos Estados (FPE) e do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Tanto o FPE quanto o FPM são oriundos de percentuais da receita obtida com o Imposto de Renda e com o Imposto sobre Produtos Industrializados (21,5% para o FPE e 24,5% para o FPM). Dos valores distribuídos para os mencionados Fundos, deduz-se 20,0% para o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb).

Os repasses para os Estados e Municípios são determinados, principalmente, pela dimensão da população e pelo nível de renda per capita dos entes federativos. Os recursos variam diretamente em relação ao tamanho da população e inversamente em comparação com a renda per capita. Ressalte-se que as Unidades Federativas das regiões de menor desenvolvimento econômico, a exemplo do Nordeste, dependem de forma substancial dos repasses constitucionais.

O FPE totalizou R\$ 41,7 bilhões no primeiro semestre de 2019, ante R\$ 38,9 bilhões no mesmo período de 2018, conforme especificado na Tabela 2. O crescimento real do FPE, descontada a inflação do período, foi de +2,8%. Os dados são da Secretaria do Tesouro Nacional (STN).

O FPE para os Estados do Nordeste alcançou R\$ 21,9 bilhões no primeiro semestre de 2019, aumento real de +2,8% em comparação com o mesmo período de 2018. A Região recebeu 52,2% do total desse Fundo no corrente ano.

Todas as Unidades Federativas do Nordeste obtiveram crescimento real no volume de recursos do FPE em 2019, em comparação com 2018. Bahia (R\$ 3,9 bilhões), Ceará (R\$ 3,0 bilhões), Maranhão (R\$ 3,0 bilhões) e Pernambuco (R\$ 2,9 bilhões) obtiveram 58,7% dos valores destinados ao Nordeste. Seguiram Paraíba (R\$ 2,0 bilhões), Piauí (R\$ 1,8 bilhão), Alagoas (R\$ 1,8 bilhão), Rio Grande do Norte (R\$ 1,7 bilhão) e Sergipe (R\$ 1,7 bilhão), com 41,3% do total do FPE da Região.

O FPM no País somou R\$ 43,6 bilhões na primeira metade de 2019, em comparação com R\$ 40,7 bilhões nos seis primeiros meses de 2018 (Tabela 1). O crescimento real foi +2,8%. O FPM para o Nordeste alcançou R\$ 15,4 bilhões, crescimento real de +2,6%, em comparação com o mesmo período de 2018, vide Tabela 2.

O Nordeste recebeu 35,3% do total de recursos do FPM em 2019. Todas as Unidades Federativas da Região obtiveram crescimento real no volume de recursos desse Fundo em 2019, em comparação com 2018. Bahia (R\$ 4,0 bilhões), Ceará (R\$ 2,2 bilhões), Pernambuco (R\$ 2,1 bilhões) e Maranhão (R\$ 1,8 bilhão), foram beneficiados com 65,6% do total de recursos destinados à Região. Seguiram Paraíba (R\$ 1,4 bilhão), Piauí (R\$ 1,2 bilhão), Rio Grande do Norte (R\$ 1,1 bilhão), Alagoas (R\$ 990 milhões) e Sergipe (R\$, 652 milhões), com 34,4% do total do FPM destinado ao Nordeste.

O FPM destinado para as capitais do País atingiu R\$ 4,4 bilhões no primeiro semestre de 2019, aumento de +2,8% em termos reais em relação a 2018. O FPM para as capitais do Nordeste alcançou 2,0 bilhões, com crescimento real de +2,0%, comparado com iguais meses de 2018.

As capitais do Nordeste foram beneficiadas com 46,2% do total de recursos alocados pelo FPM Capitais no primeiro semestre de 2019. Fortaleza (R\$ 373 milhões), Salvador (R\$ 336 milhões), Recife (R\$ 235 milhões), São Luis (R\$ 219 milhões) e Teresina (R\$ 219 milhões) obtiveram 70,0% do total do FPM Capitais destinado ao Nordeste. Seguiram Maceió (R\$ 176 milhões), João Pessoa (R\$ 140 milhões), Natal (R\$ 126 milhões) e Aracaju (R\$ 126 milhões), com 30,0% dos recursos desse Fundo destinados ao Nordeste nos seis primeiros meses de 2019.

Tabela 2 - FPE e FPM - Brasil, Nordeste e Estados - Primeiro Semestre de 2018 e 2019 e previsão para 2019 (julho a setembro) - R\$ Milhões

Estados/Região	FPE		FPM		FPM Capitais		Previsões - julho a setembro de 2019		
	2018	2019	2018	2019	2018	2019	FPE	FPM	FPM Capitais
Alagoas	1.633	1.755	926	990	176	187	635	449	85
Bahia	3.635	3.888	3.746	4.006	316	336	1.407	1.817	152
Ceará	2.836	3.033	2.027	2.167	351	373	1.097	983	169
Maranhão	2.797	2.996	1.714	1.832	219	233	1.084	831	106
Paraíba	1.856	1.977	1.280	1.370	140	149	716	621	68
Pernambuco	2.670	2.864	2.006	2.145	221	235	1.036	973	107
Piauí	1.682	1.805	1.084	1.159	219	233	653	526	106
Rio Grande do Norte	1.615	1.742	1.010	1.081	126	134	630	490	61
Sergipe	1.604	1.724	610	652	126	134	624	296	61
Nordeste	20.328	21.785	14.405	15.402	1.896	2.015	7.883	6.986	914
Espírito Santo	605	649	728	802	70	90	235	364	41
Minas Gerais	1.747	1.869	5.352	5.728	211	224	676	2.598	102
Brasil	38.936	41.698	40.747	43.637	4.075	4.364	15.089	19.794	1.979

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da STN.

9 Intermediação Financeira

O saldo das operações de crédito do sistema financeiro nacional atingiu R\$ 3,3 trilhões em junho, implicando crescimento de 1,2% no acumulado do primeiro semestre de 2019, refletindo elevações no crédito livre a famílias (+6,8%) e, em menor intensidade, a empresas (+1,5%). Verificou-se avanço de 5,1% quanto ao acumulado dos últimos 12 meses. Nesse cenário, a relação crédito/PIB atingiu 47,2%, conforme dados divulgados pelo Banco Central.

O saldo da carteira de pessoas físicas alcançou R\$ 1,9 trilhão em junho de 2019, tendo expandido 4,5% no primeiro semestre de 2019 e 10,1% em 12 meses. Por outro lado, verificou-se queda na carteira de pessoas jurídicas de 2,9% no primeiro semestre de 2018 e declínio de 0,8% em 12 meses. Assim, o saldo da referida carteira atingiu R\$ 1,4 trilhão.

Os recursos direcionados apresentaram redução de 2,2% no primeiro semestre de 2019 e queda de 3,6% nos últimos 12 meses, notadamente em decorrência da performance da carteira de crédito da pessoa jurídica, que registrou declínio de 8,4% nos seis primeiros meses de 2019 e recuo de 11,8% nos últimos 12 meses. Os recursos livres, por sua vez, aumentaram +4,4% no primeiro semestre de 2019 e +11,8% nos últimos 12 meses, em razão, principalmente, da expansão do crédito da modalidade pessoa física, que expandiu 14,2% e pessoa jurídica que ampliou em 9,0% nos últimos 12 meses.

A taxa média geral de juros do crédito do sistema financeiro situou-se em 25,2% a.a. em junho, ou seja, 0,8 pontos percentuais (p.p.) acima em relação ao mesmo mês de 2018. O spread médio das operações contratadas, que representa a diferença entre o custo de captação de recursos e a realização de operações de crédito, situou-se em 19,6%, sinalizando trajetória de expansão nos últimos 12 meses (+1,9 p.p.).

Regionalmente, consideradas as operações acima de R\$ 1 mil, ocorreu expansão no saldo de crédito, no acumulado dos últimos 12 meses, no Norte (+9,8%, saldo de R\$ 134,0 bilhões), Centro-Oeste (+8,1%, R\$ 379,6 bilhões), Sul (+8,5%, R\$ 625,3 bilhões), Nordeste (+6,6%, R\$ 433,9 bilhões) e no Sudeste (3,3%, R\$ 1.677,2 bilhões).

Especificamente no Nordeste, o saldo de crédito alcançou R\$ 433,9 bilhões, representando elevação de +2,7% no primeiro semestre de 2019 e aumento de +6,6% nos últimos 12 meses. As operações de crédito destinadas para as pessoas físicas aumentaram +4,7% nos seis primeiros meses de 2019 e +11,0% nos últimos 12 meses.

Quanto ao crédito para pessoas jurídicas, cujos recursos são essencialmente direcionados para a produção (investimentos e capital de giro), verificou-se recuo de 1,5% no primeiro semestre de 2019 e de 1,9% em 12 meses.

Entre os estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, o saldo das operações de crédito nos últimos 12 meses foi crescente na Bahia (+12,5%), Paraíba (+8,8%), Maranhão (+7,7%), Alagoas (+7,1%), Espírito Santo (+6,9%), Piauí (+6,3%), Minas Gerais (+5,4%), Sergipe (+4,7%), Ceará (+3,2%), Rio Grande do Norte (+2,6%) e Pernambuco (+1,7%).

A taxa de inadimplência regional registrou 3,58% em junho ante 2,9% no País. Na área de atuação do Banco do Nordeste, Espírito Santo (4,05%), Paraíba (3,99%), Alagoas (3,94%) e Sergipe (3,01%), apresentaram inadimplências acima da média regional. Por outro lado, Pernambuco (3,47%), Rio Grande do Norte (3,42%), Ceará (2,79%) e Minas Gerais (2,37%) registraram inadimplência abaixo da média nacional.

Tabela 1 - Operações de crédito do sistema financeiro nacional - Posição em junho/2019

Período	Saldos (Em R\$ trilhões)			Concessões (Em R\$ bilhões)			Taxas de juros (% a.a.)			Prazos concessões (Meses)			Inadimplência (%)			
	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	
2018	Jan	1,41	1,67	3,08	111,6	166,2	277,7	17,8	32,2	26,2	64,8	171,6	119,2	3,1	3,7	3,4
	Fev	1,41	1,67	3,07	115,6	149,3	264,9	17,9	33,1	26,8	61,2	171,3	117,8	3,1	3,7	3,4
	Mar	1,42	1,67	3,09	137,5	166,0	303,5	16,5	32,9	26,1	62,7	170,9	118,4	2,9	3,6	3,3
	Abr	1,42	1,68	3,10	134,3	166,8	301,2	15,9	32,6	25,7	66,3	170,9	120,2	2,9	3,6	3,3
	Mai	1,42	1,69	3,11	133,3	170,5	303,8	15,8	31,2	24,8	73,8	171,8	124,4	3,0	3,6	3,3
	Jun	1,43	1,70	3,14	144,9	168,7	313,6	15,6	30,9	24,6	59,8	171,4	117,4	2,5	3,5	3,0
	Jul	1,42	1,71	3,13	128,4	171,3	299,7	15,9	30,4	24,4	68,7	171,3	121,6	2,4	3,5	3,0
	Ago	1,44	1,73	3,16	146,9	184,2	331,1	15,9	30,2	24,3	68,0	169,9	120,8	2,5	3,5	3,0
	Set	1,44	1,74	3,18	134,0	163,0	296,9	15,7	30,2	24,2	64,2	171,0	119,6	2,6	3,4	3,0
	Out	1,42	1,75	3,17	139,7	184,9	324,6	16,0	30,3	24,5	61,5	171,0	118,8	2,6	3,4	3,1
	Nov	1,43	1,78	3,21	137,1	192,1	329,2	15,8	30,4	24,5	65,2	170,1	120,2	2,5	3,3	3,0
	Dez	1,47	1,79	3,26	173,5	186,7	360,2	14,7	29,0	23,2	70,8	169,9	122,7	2,4	3,2	2,9
Variação %^{1/}																
Em junho																
0,1 0,6 0,4 0,1 -6,5 -3,6 -0,6 0,2 0,0 7,0 1,6 4,5 -0,2 -0,1 -0,1																
No trimestre -1,2 2,4 0,9 11,6 9,0 10,1 -0,8 0,0 -0,1 -7,0 -0,8 -2,7 -0,1 -0,1 -0,1																
No semestre -2,9 4,5 1,2 9,1 12,4 10,9 0,4 2,7 2,0 -5,2 0,9 -0,1 0,0 0,1 0,0																
Em 12 meses -0,8 10,1 5,1 11,6 12,1 11,9 -0,5 0,8 0,6 5,8 -0,6 5,2 -0,1 -0,2 -0,1																

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

Tabela 2 - Variação (%) do saldo de crédito do sistema financeiro - Brasil e Regiões

Região/País	2015	2016	2017	2018	2019 (Até Junho)
Norte	4,6	-2,2	2,4	7,7	4,7
Nordeste	5,0	-1,7	1,4	4,8	2,7
Centro Oeste	8,3	-0,8	3,1	8,9	2,7
Sudeste	8,1	-4,8	-1,9	4,0	-0,3
Sul	3,3	-0,5	2,1	8,6	2,0
Brasil	7,0	-3,5	-0,5	5,0	1,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

10 Índices de Preços

A variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) alcançou +0,01% em junho, enquanto o incremento acumulado no primeiro semestre de 2019 atingiu +2,23%, e nos últimos 12 meses ficou em +3,37%, conforme especificado na Tabela 1.

O IPCA Nordeste ficou estável em junho de 2019. No acumulado do primeiro semestre de 2019, o índice regional atingiu +2,64%, enquanto nos últimos 12 meses a variação ficou em +3,32% (Tabela 1).

Em junho, a inflação do Nordeste (+0,00%) ficou abaixo do índice nacional (+0,01%) e dos demais índices regionais, à exceção do Sul (-0,11%) que apresentou deflação. Seguem os índices das demais regiões: Sudeste (+0,03%), Centro-Oeste (+0,04%) e Norte (+0,13%), vide Tabela 2.

No acumulado de 2019, a inflação do Nordeste (+2,64%) superou a variação nacional (+2,23%) e o incremento das demais regiões: Norte (+2,56%), Sudeste (+2,23%), Centro-Oeste (+1,91%) e Sul (+1,89%).

O IPCA Nordeste no acumulado de 12 meses ficou em +3,32%, abaixo da média nacional (+3,37%) e dos índices do Sudeste (+3,55%) e Norte (+3,75%). Por outro lado, Centro-Oeste (+3,06%) e Sul (+2,86%) obtiveram variações abaixo do índice do Nordeste.

Em relação às capitais do Nordeste, Fortaleza (+0,26%) e Salvador (+0,01%) apresentaram inflação em junho de 2019. Nas demais capitais da Região, verificaram-se deflações: São Luís (-0,24%), Aracaju (-0,12%) e Recife (-0,08%), conforme detalhado na Tabela 2. Por sua vez, as maiores altas de preços nos últimos 12 meses ocorreram em Aracaju (+4,07%) e Fortaleza (3,85%), vindo na sequência Salvador (3,33%), São Luís (+3,22%) e Recife (+2,83%).

A dinâmica inflacionária no Nordeste no primeiro semestre de 2019 decorreu, em grande medida, da elevação de preços ocorrida em quatro grupos, que respondem em conjunto por 71,8% do índice da Região. Saúde e cuidados pessoais (+3,92%), Transporte (+3,61%), Alimentação e bebidas (+3,12%) e Habitação (+2,96%).

Ainda no Nordeste, as maiores variações ocorridas no primeiro semestre de 2019, no grupo Saúde e cuidados pessoais, ocorreram em Fortaleza (+4,71%) e Recife (+4,13%), e a menor verificou-se em Salvador (+3,40%). No grupo Transportes, as duas maiores variações foram verificadas em São Luís (+6,28%) e Recife (+3,98%), enquanto que Aracaju apresentou a menor (+0,73%) nesse grupo. Fortaleza registrou a maior inflação no grupo Habitação (+5,63%), seguida por São Luís (+4,20%). Por sua vez, Aracaju (+1,78%) obteve o menor índice nesse grupo no primeiro semestre.

O grupo Alimentação e bebidas, que tem o maior peso no índice regional (28,7%), registrou inflação de +3,12% no acumulado dos seis primeiros meses do ano. A variação de Alimentação no domicílio (+3,84%) superou o incremento em Alimentação fora do domicílio (+1,32%). No domicílio, a maior contribuição verificou-se em Aracaju (+7,26%), seguida por Recife (+4,62%) e Fortaleza (+4,14%). Salvador obteve a menor (+2,75%) nesse subgrupo. As maiores variações vieram dos subgrupos tubérculos (+26,36%), cereais, leguminosas e oleaginosas (+14,27%), hortaliças e verduras (+15,59%) e frutas (+13,88%).

No grupo Transporte (+3,61%), os principais responsáveis pela inflação, no primeiro semestre, foram ônibus urbano (+7,65%), seguido por combustíveis (+5,59%). Quanto às passagens de ônibus urbano, as maiores variações foram verificadas em São Luís (+9,68%) e Salvador (+8,10%). São Luís (+10,12%) e Recife (+8,50%) registraram as principais variações em combustíveis aéreos no semestre analisado.

No grupo Habitação do índice regional, o maior impacto ocorreu nos itens energia elétrica residencial (+5,47%) e aluguel e taxas (+3,51%). Fortaleza (+10,28%) e Salvador (+2,64%) registraram as maiores variações no primeiro grupo, enquanto que, no segundo, São Luís (+8,14%) e Fortaleza (+6,48%) apresentaram as alterações mais expressivas no semestre.

O grupo Saúde e cuidados pessoais (+3,92%) aumentou no primeiro semestre, principalmente pelos avanços em Higiene pessoal (+4,91%) e Serviços de saúde (+3,78%). Em Fortaleza (+4,71%), Recife (4,13%) e Aracaju (3,94%) verificaram-se os principais aumentos. O grupo Educação obteve a maior variação entre os grupos no primeiro semestre de 2019 (+4,88%). As capitais com os maiores índices foram: Aracaju (+7,68%) e Fortaleza (+5,35%).

Em Fortaleza, a elevação de preços em junho foi puxada pelos grupos Alimentação e bebidas (+0,64%) e Vestuário (+0,76%), enquanto que em Salvador, ocorreram variações expressivas nos grupos Saúde e cuidados pessoais (+0,89%) e Transportes (+0,38%). Alimentação e bebidas (-0,43%) e Habitação (-0,43%) registraram deflação.

Tabela 1 - Variação⁽¹⁾ do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) no Brasil e Nordeste - Em %

IPCA - Grupo Pesquisado	2014		2015		2016		2017		2018		2019	
	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste
Alimentação e Bebidas	8,00	6,80	12,00	13,40	8,61	10,00	-1,87	-2,58	4,04	3,51	3,99	4,25
Habitação	8,80	10,30	18,30	12,50	2,84	6,29	6,26	7,00	4,72	3,95	3,84	2,74
Artigos de Residência	5,50	5,50	5,40	5,20	3,41	5,87	-1,48	-3,23	3,74	3,38	3,47	2,56
Vestuário	3,60	2,90	4,50	3,20	3,54	3,94	2,88	3,31	0,61	1,11	0,39	0,81
Transportes	3,80	2,70	10,20	10,90	4,24	3,24	4,10	5,54	4,19	3,90	2,39	3,15
Saúde e Cuidados Pessoais	7,00	7,00	9,20	9,10	11,05	11,51	6,52	5,59	3,95	3,73	4,76	4,40
Despesas Pessoais	8,30	7,50	9,50	10,40	8,01	7,50	4,39	3,86	2,98	2,49	3,43	2,59
Educação	8,50	7,90	9,20	8,90	8,87	7,69	7,11	8,03	5,32	6,13	4,93	5,74
Comunicação	-1,50	-0,40	2,10	3,10	1,27	0,95	1,76	1,63	-0,09	-0,17	-0,21	-0,41
Geral	6,40	6,00	10,70	10,40	6,29	7,19	2,95	2,55	3,75	3,40	3,37	3,32

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) A variação de 2019 refere-se aos últimos 12 meses encerrados em abril de 2019.

Tabela 2 - Variação do IPCA - Capitais selecionadas, Regiões e Brasil - Em %

Região/Capitais	Peso Regional (%)	Variação (%)			
		mai/19	jun/19	Ano	12 Meses
Salvador	6,12	0,11	0,01	2,28	3,33
Recife	4,20	0,33	-0,08	2,54	2,83
Fortaleza	2,91	0,21	0,26	3,31	3,85
São Luís	1,87	0,25	-0,24	2,77	3,22
Aracaju	0,79	0,34	-0,12	3,10	4,07
Nordeste	15,89	0,21	0,00	2,64	3,32
Norte	4,65	0,11	0,13	2,56	3,75
Sudeste	55,37	0,11	0,03	2,23	3,55
Sul	16,19	0,05	-0,11	1,89	2,86
Centro-Oeste	7,90	0,28	0,04	1,91	3,06
Brasil	100,00	0,13	0,01	2,23	3,37

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Tabela 3 - Variação do IPCA no Nordeste e capitais - Primeiro quadrimestre de 2019 - Em %

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luís
Alimentação e Bebidas	3,42	4,07	2,21	5,51	2,50
Habitação	5,63	0,75	2,87	2,56	4,20
Artigos de Residência	0,70	-0,23	-0,01	1,07	-1,35
Vestuário	0,80	-0,38	-0,94	-1,86	-2,85
Transportes	3,15	3,98	3,13	0,73	6,28
Saúde e Cuidados Pessoais	4,71	4,13	3,40	3,94	3,92
Despesas Pessoais	1,08	-0,06	1,37	1,63	0,89
Educação	5,36	4,89	4,78	7,68	3,22
Comunicação	-0,81	-0,29	-0,18	0,00	-0,56
Índice Geral	3,31	2,54	2,28	3,10	2,77

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

11 Cesta Básica

O custo da cesta básica caiu no Brasil (-1,2%) em junho e em todas as regiões do País. A queda mais expressiva ocorreu no Centro-Oeste (-4,0%), seguida pelo Norte (-2,5%), Nordeste (-1,2%), Sudeste (-0,1%) e Sul (-0,1%). As informações são do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

Dentre as capitais pesquisadas (17), os recuos mais significativos em junho foram observados em Brasília (-6,6%), Aracaju (-6,1%) e Recife (-5,2%). Os incrementos mais expressivos ocorreram em Florianópolis (+1,4%), Rio de Janeiro (+1,2%), Belo Horizonte (+1,1%), Campo Grande (+1,0%) e Fortaleza (+1,0%).

No Nordeste, à exceção de Fortaleza (+1,0%), todas as capitais pesquisadas tiveram reduções no custo da cesta básica de junho. As quedas mais expressivas ocorreram em Aracaju (-6,1%) e Recife (-5,2%), seguido por Natal (-2,2%), Salvador (-2,1%) e João Pessoa (-1,2%).

Quanto aos alimentos, verificaram-se quedas significativas, em termos nacionais e especificamente em junho, no preço do feijão (-13,1%), banana (-4,4%) e carne (-0,5%). Por sua vez, verificaram-se incrementos no preço do leite (+1,1%) e tomate (+1,0%).

Especificamente no Nordeste, os maiores impactos em junho ocorreram nos preços do feijão (-12,0%), tomate (-4,0%) e banana (-5,3%). Os principais aumentos de preços foram verificados no leite (+3,5%) e carne (+0,25%).

Apesar da queda de preços verificada em junho, é importante registrar que o custo do conjunto de alimentos essenciais subiu +8,1% no Brasil no acumulado do primeiro semestre de 2019. O Nordeste apresentou a maior variação no corrente ano (+13,5%), seguida pelo Sul (+7,0%), Sudeste (+6,8%), Norte (+6,6%) e Centro-Oeste (+4,8%).

Dessa forma, a variação da cesta básica nacional nos primeiros seis meses de 2019 (+8,1%), além da cesta do Nordeste (+13,5%), estão acima do incremento observado no Grupo Alimentação no Domicílio (+4,1% nos cinco primeiros meses de 2019). Referido Grupo é um dos componentes do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Em consequência, as classes de menor poder aquisitivo estão sendo negativamente impactadas por essa tendência de elevação da cesta básica.

Registre-se ainda que o preço da cesta aumentou no Brasil (+11,8%) e em todas as regiões, no acumulado dos últimos 12 meses encerrados em junho de 2019. Os incrementos mais expressivos ocorreram no Nordeste (+13,8%), Sudeste (+11,9%), Centro-Oeste (+10,9%), Sul (+10,0%) e Norte (+9,2%).

Em termos de valores monetários, a cesta mais cara permanece sendo a do Sudeste (R\$ 499,63), vindo na sequência a do Sul (R\$ 472,39), Brasil (R\$ 456,74), Centro-Oeste (R\$ 441,21) e Norte (R\$ 407,66). A cesta do Nordeste (R\$ 406,82) permanece sendo a de menor custo. Referidos valores estão detalhados na Tabela 1.

Todas as capitais do Nordeste registraram incremento nas respectivas cestas básicas no primeiro semestre de 2019, tendo a maior variação ocorrido em Natal (+16,4%), seguida por Recife (+16,3%), João Pessoa (+15,5%), Fortaleza (+12,9%), Salvador (+11,9%) e Aracaju (+6,8%). No acumulado dos últimos 12 meses finalizados em junho, as variações mais expressivas ocorreram em Salvador (+15,5%), Fortaleza (+14,4%), João Pessoa (14,0%), Recife (+11,3%) e Aracaju (+9,6%).

Em relação aos alimentos, as principais variações positivas no acumulado do primeiro semestre de 2019 ocorreram nos preços do feijão (+84,5% em Salvador), tomate (+80,1% em Natal), banana (+60,1% em Natal) e carne (+3,0% em Fortaleza). Em 12 meses, os incrementos mais expressivos foram verificados nos preços do tomate (+96,2% em Salvador), feijão (+73,2% em Salvador) e banana (+23,1% em João Pessoa).

Em termos de valores monetários, Fortaleza permanece com a cesta básica mais cara no Nordeste (R\$ 448,73). Observa-se que a cesta básica dos fortalezenses é 10,3% maior que o valor da cesta regional (R\$ 406,82), além de superar em 17,1% a cesta de menor custo da Região, ou seja, a de Aracaju (R\$ 383,09). Os valores das cestas nas demais capitais do Nordeste são: João Pessoa (R\$ 398,72), Natal (R\$ 397,24) e Recife (R\$ 396,21).

Tabela 1 - Valor (R\$) e variação (%) da cesta básica no Brasil e Regiões

Valor (R\$) da Cesta Básica no Brasil e Regiões						
Período	Brasil	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
2018	Jan	403,80	360,74	358,66	397,15	439,86
	Fev	401,81	366,09	358,83	391,10	437,04
	Mar	399,66	361,82	350,06	389,91	437,82
	Abr	396,86	362,90	344,69	388,78	435,54
	Mai	401,58	361,70	350,69	393,46	440,76
	Jun	408,56	373,47	357,58	397,83	446,51
	Jul	393,21	357,58	346,31	381,37	429,82
	Ago	388,50	360,22	338,84	376,85	424,78
	Set	388,21	359,51	335,74	379,03	425,33
	Out	402,37	361,69	347,35	392,91	442,84
	Nov	418,38	372,23	355,36	411,59	465,17
	Dez	422,70	382,30	358,31	420,81	467,82
2019	Jan	421,81	384,77	366,03	417,00	464,01
	Fev	433,20	383,76	382,35	426,26	476,62
	Mar	460,07	408,66	405,33	458,78	504,36
	Abr	475,56	423,16	420,78	476,26	519,86
	Mai	462,48	418,04	414,79	459,52	500,35
	Jun	456,74	407,66	406,82	441,21	499,63
Variação (%) da Cesta Básica no Brasil e Regiões						
% Junho		-1,2	-2,5	-1,9	-4,0	-0,1
% 2019		8,1	6,6	13,5	4,8	6,8
% 12 meses		11,8	9,2	13,8	10,9	11,9
						10,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do DIEESE.